

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**André Gomes Julião**

***Chô! Chô! Passarinho:*  
A recepção brasileira às expedições científicas alemãs, 1933-1942**

**MESTRADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA**

**São Paulo  
2015**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**André Gomes Julião**

***Chô! Chô! Passarinho:***

**A recepção brasileira às expedições científicas alemãs, 1933-1942**

**MESTRADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História da Ciência sob a orientação da Profa. Dra. Silvia I. Waisse de Priven.

**São Paulo**

**2015**

Banca Examinadora

---

---

---

Para Tereza Julião (*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Silvia Waisse, por apoiar minhas ideias desde o primeiro momento e me ajudar na transformação de jornalista amante de aves em Historiador da Ciência.

Aos professores do Programa de Estudos Pós Graduated em História da Ciência da PUC-São Paulo que me acompanharam nesta jornada: Vera C. Machline, José Luiz Goldfarb, Cristiana L. M. Couto e especialmente a Márcia H. M. Ferraz, pela firmeza serena em toda aula e conversa que tivemos.

A João Marcos Rosa, Erica Pacifico e Dorico Alves, pelo primeiro contato com a história de Helmut Sick, e a Ronaldo Ribeiro, por ter me mandado para Canudos (BA).

A Luiz Pedreira Gonzaga, pelas primeiras informações, pelo material de pesquisa que eu dificilmente encontraria em outras circunstâncias, pelas conversas agradáveis e por ter me apresentado José Fernando Pacheco, a quem devo a indicação da localização dos arquivos de Helmut Sick e, conseqüentemente, do CFE.

A Luiz Claudio Marigo (*in memoriam*), pela entrevista de Sick em *O Charão* e por ter editado *Tukani* no Brasil.

A Everaldo Pereira Frade, pelas preciosas indicações de material de pesquisa, pela sempre pronta disponibilidade em ajudar, pelas conversas e hospedagem após dias inteiros folheando documentos, além de a todos os outros funcionários do Arquivo de História da Ciência do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), no Rio de Janeiro.

Aos colegas Angelo Stefanovits, Gizele Gasparri, Joelma Santana, Lucas Pessoa, Maria Alice Gonçalves, Paula Guacelli, Rodrigo de Oliveira Andrade,

Rodrigo Trevisan Braga, Shirley Silva e Wandir Vieira Leal Santos, pela amizade em todos os momentos e solidariedade nos difíceis.

Às minhas tias-mães Alice e Conceição Julião, por terem me mostrado o caminho da educação.

À minha terapeuta, Roseli, por me ajudar a controlar a ansiedade, focar e desapegar na reta final.

À Capes e ao CNPq, pelo financiamento.

Por último, e mais importante, a Débora Rubin, pelas primeiras pesquisas no MAST e pelo amor e apoio incondicionais, sem os quais eu não teria nem começado. Essa conquista também é dela.

## RESUMO

Desde o fim da Primeira Guerra, Brasil e Alemanha mantiveram fortes relações comerciais, culturais e científicas. A partir de 1938, porém, cidadãos estrangeiros que viviam no Brasil, alemães principalmente, passaram a sofrer perseguição do governo do Estado Novo, que via nas comunidades de imigrantes uma ameaça ao projeto nacionalista de Getúlio Vargas. A mudança de postura do Brasil em relação à Alemanha fica clara ao analisar a documentação sobre cientistas alemães que vieram realizar expedições antes e depois de 1938. Enquanto Otto Schulz-Kampfhenkel e Hans Krieg, que chegaram em 1935 e 1937, respectivamente, tiveram uma calorosa recepção por autoridades e membros das sociedades paulistana e carioca, Adolf Schneider e Helmut Sick, que desembarcaram no país em 1939, foram hostilizados pela imprensa, tiveram material apreendido e foram presos em 1942, por conta do rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha naquele ano. Schulz-Kampfhenkel e Krieg tentaram burlar as leis brasileiras, mas não sofreram nenhuma sanção, a não ser a apreensão de material zoológico que Krieg tentava exportar ilegalmente. Schneider, apesar de ter realizado todo o procedimento exigido pelo Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFE), acabou sendo retratado como espião pela imprensa, foi preso e expulso do país. Sick, apesar de estar coletando aves sem autorização em 1941, estava comprometido com seus estudos ornitológicos e queria fugir da guerra na Europa, mas ainda assim foi preso e também retratado como espião. O contato que Schneider e Sick tinham com cientistas brasileiros pode ter evitado que sofressem repressão do governo brasileiro ainda em 1939, mas a declaração de guerra do Brasil ao Eixo, em 1942, tornou a situação de ambos insustentável.

**Palavras-chave:** Expedições científicas; Brasil; Século XX; Estado Novo; Naturalistas alemães; Segunda Guerra Mundial

## ***SHOO, SHOO, BIRDIE!***

### **BRAZILIAN RECEPTION TO GERMAN SCIENTIFIC EXPEDITIONS, 1933-1942**

#### **ABSTRACT**

Starting at the end of World War I Brazil and Germany developed strong commercial, cultural and scientific relations. However, from 1938 onwards foreign citizens, German in particular, were subjected to political persecution by the *Estado Novo* government, which saw them as a threat to the nationalistic program launched by Getúlio Vargas. Such change in policy is evident in the extant documents relative to German scientists who came to carry out expeditions in Brazil before or after 1938. Whereas Otto Schulz-Kampfenkel and Hans Krieg, who arrived in 1935 and 1937, respectively, were enthusiastically welcomed by government officials and the São Paulo and Rio de Janeiro elites, Adolf Schneider and Helmut Sick, who came in 1939, were harassed by the press, the material they collected was confiscated, and after Brazil and Germany severed diplomatic relations, in 1942, they were sent to prison. Schulz-Kampfenkel and Krieg sought intentionally to break the Brazilian law, but did not receive any punishment, except for the confiscation of the zoological specimens Krieg attempted to export illegally to Germany. Contrariwise, although Schneider had complied with all the procedures required by the Council for Supervision of Artistic and Scientific Expeditions, he was depicted as a spy in the mass media, jailed and eventually expelled from Brazil. Sick, in turn, deeply engaged in his ornithology studies and looking to escape the war in Europe, continued his work of collection, albeit without official permit, until also he was arrested and portrayed as a spy. The contacts they had with Brazilian scientists might have spared Schneider and Sick from persecution in 1939, but their situation became untenable once Brazil declared war on the Axis in 1942.

**Keywords:** Scientific expeditions; Brazil; 20<sup>th</sup> century; Vargas' dictatorship; German naturalists; World War II



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
-----------------	---

### CAPÍTULO 1

#### CIENTISTAS ALEMÃES: DE BEM VINDOS A INDESEJADOS

1.1 Expedições alemãs segundo os jornais cariocas.....	8
1.1.1 Um avião de Goering sobrevoa a Amazônia.....	9
1.1.2 Um ‘intransigente’ defensor do Terceiro <i>Reich</i> visita o Brasil.....	17
1.1.3 Adolf Schneider: ‘Chô! Chô! passarinho’.....	24
1.1.4 Sick e a “cantiga velha de ‘urubu malandro’”.....	28

### CAPÍTULO 2

#### OS BASTIDORES DAS EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS ALEMÃS NO BRASIL

2.1 As conexões Brasil-Alemanha nos pedidos de autorização para expedições.....	34
2.1.1 Um amigo em prol do ‘intercâmbio’ entre Brasil e Alemanha intercede por Krieg.....	36
2.1.2 Idas e vindas para licenciar a expedição Schulz-Kampfhenkel.....	44
2.1.3 Schneider faz aliados no CFE, mas Sick fica isolado no Espírito Santo...	56

CONCLUSÕES.....	67
BIBLIOGRAFIA.....	71

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Túmulo do teuto-brasileiro Joseph Greiner no Jari, que morreu durante a expedição de Schulz-Kampfhenkel, com a cruz entalhada com uma suástica, cercada por três índios.....	13
Figura 2. Notícia sobre a chegada de Hans Krieg ao Rio de Janeiro, <i>Gazeta de Notícias</i> , 23 de outubro de 1937. ....	17
Figura 3. Recorte do jornal <i>O Radical</i> de 5 de março de 1942.....	27
Figura 4. Carta de Theodoro Heuberger para Paulo de Campos Porto com timbre da revista <i>Intercambio</i> e trecho destacado ao final da página.....	37
Figura 5. Carta de Oscar Argollo ao CFE pedindo “dispensa das formalidades exigidas pela lei” para a expedição de Schulz-Kampfhenkel.....	51
Figura 6. Autorização emitida pela Delegacia de Ordem Política e Social para Sick viajar, emitida em fevereiro de 1942.....	63

## INTRODUÇÃO

Entre 1933 e 1942, 23 pedidos de autorização para a realização de expedições, filmagens ou exportação de material zoológico ou etnográfico coletado no Brasil foram feitos por cidadãos alemães.<sup>1</sup> O período compreende da ascensão de Adolf Hitler (1889-1945) ao poder na Alemanha até o rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e o *Reich*. Compreende ainda uma mudança na política de Getúlio Vargas (1882-1954) em relação à presença de estrangeiros no país. Enquanto num primeiro momento os alemães eram bem vindos, a partir de 1938 a presença não só deles, como também de italianos e japoneses tornou-se indesejada, pois era vista como um empecilho para o projeto nacionalista de Vargas. A nova política culminou no aprisionamento de cidadãos do chamado Eixo (alemães, italianos e japoneses) com a adesão do Brasil aos Aliados na Segunda Guerra, em 1942.<sup>2</sup>

Os participantes e os objetivos oficiais dessas viagens pelo Brasil podem ser verificados na documentação do arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFE),<sup>3</sup> órgão criado em 1933 subordinado ao Ministério da Agricultura e que atuou até

---

<sup>1</sup> MAST, *Inventário*, 39-68 e 222. A contagem realizada no inventário não leva em conta o arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFE) T.2.012, composto de 180 documentos referentes a todo o período de existência do CFE, sobre diversas expedições, alemãs ou não, além de guias e certificados de exportação, pedidos de informações e pareceres, pois não foi possível conferir o seu conteúdo.

<sup>2</sup> Perazzo, *Perigo Alemão*, 22-4.

<sup>3</sup> MAST, *Inventário*, 39-68.

1964.<sup>4</sup> Cabia ao CFE, como o próprio nome indica, “fiscalizar as expedições nacionais de iniciativa particular e as estrangeiras de qualquer natureza”<sup>5</sup>. Por conta disso, uma boa parte da história das expedições científicas no país, no século XX, está registrada nesses arquivos. Dentre os documentos, hoje mantidos no Arquivo de História da Ciência do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), no Rio de Janeiro, constam 197 pedidos de autorização, brasileiros ou estrangeiros, para expedições, filmagens ou exportações de material científico ou artístico entre 1933 e 1942, sendo 23 de autodenominados cientistas ou cineastas alemães.<sup>6</sup> A partir do rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha, apenas expedicionários de outros países – Estados Unidos, majoritariamente – vieram ao país oficialmente. Só em 1952, sete anos após o fim da Segunda Guerra, um alemão voltaria a pedir autorização para uma expedição no Brasil.<sup>7</sup>

Para o presente trabalho, foram selecionados os arquivos correspondentes às expedições chefiadas por quatro alemães, tendo como recorte temporal o período de 1933 a 1942, pelos motivos mencionados antes. Os casos escolhidos são os de Otto Schulz-Kampfhenkel (1910-1989),<sup>8</sup> Hans Krieg (1888-1970),<sup>9</sup> Adolf Schneider (1881-1946)<sup>10</sup> e Helmut Sick (1910-1991).<sup>11</sup> O motivo é que os dois primeiros realizaram suas

---

<sup>4</sup> Faria, “Introdução”, 11.

<sup>5</sup> Brasil, Decreto nº 22.698, de 11 de Maio de 1933, Artigo 1º.

<sup>6</sup> MAST, *Inventário*, 39-68; novamente, o CFE.T.2.012 não é contabilizado aqui.

<sup>7</sup> *Ibid.*, 82.

<sup>8</sup> CFE.T.2.039.

<sup>9</sup> CFE.T.2.100.

<sup>10</sup> CFE.T.2.097.

<sup>11</sup> CFE.T.2.175.

atividades no país antes de 1938 e os dois últimos depois dessa data.<sup>12</sup> Como já foi observado, esse ano sinaliza a mudança na política de Vargas em relação aos cidadãos alemães e, como será mostrado, a comparação dos documentos a eles referentes demonstra claramente que receberam tratamentos diferentes das autoridades e da imprensa brasileiras.

De acordo com a estudiosa P.F. Perazzo, essa mudança no tratamento não teria ocorrido só por conta do alinhamento do Brasil aos Estados Unidos e ao rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha, mas, antes disso, a um projeto nacionalista de país,<sup>13</sup> que não permitia mais a influência estrangeira, até então bem-vinda.<sup>14</sup> Com base numa análise minuciosa dos arquivos dos ministérios da Justiça e das Relações Exteriores, além de documentos das delegacias de ordem política e social do Rio de Janeiro e de São Paulo, a autora conclui que, embora os cidadãos de países do Eixo passassem a ser considerados inimigos oficialmente apenas a partir de 1942, com a adesão do Brasil aos Aliados, “atitudes hostis” contra os imigrantes alemães já se faziam sentir em 1938.<sup>15</sup>

De fato, a partir da década de 1920 até esse ano, o Brasil manteve uma estreita relação com a Alemanha, tanto no campo comercial quanto no

---

<sup>12</sup> No período ocorreram pelo menos 14 expedições científicas alemãs (CFE.T.2.001, 2.032, **2.039**, 2.046, 2.055, 2.092, 2.093, **2.097**, **2.100**, 2.126, 2.156, 2.153, **2.175**, 2.184). No entanto, as quatro grifadas aqui são as que se julgou representarem melhor a mudança de tratamento do governo brasileiro com os cientistas alemães.

<sup>13</sup> De acordo com D. Moreira Leite, “o nacionalismo implica a exaltação das qualidades de um povo, o que leva inevitavelmente à comparação com outros, então considerados inferiores”; vide Leite, *Caráter Nacional Brasileiro*, 24.

<sup>14</sup> Perazzo, 22-24.

<sup>15</sup> Ainda segundo Perazzo, também outros autores, como R. Gertz, S. B. B. Sant’Anna e R. Seitenfus identificam o ano de 1938 como o início de atividades contra alemães e o partido nazista no Brasil; *Ibid.*, 23.

científico e no cultural, com acordos de exportação e importação de produtos. O intenso intercâmbio científico envolveu a criação de revistas e de associações científicas conjuntas, a participação de cientistas brasileiros em congressos na Alemanha e de alemães no Brasil, além da vinda de professores para assumir cadeiras na Universidade de São Paulo (USP) e na Escola Paulista de Medicina (EPM).<sup>16</sup>

Essa proximidade cultural e científica também pode ser conferida na recepção dada aos alemães que vieram realizar expedições científicas no Brasil entre 1935 e 1937, como mostram os documentos do CFE referentes à chegada dos cientistas e às expedições de Schulz-Kampfenkel e de Krieg.<sup>17</sup> Por contraposição, Schneider e Sick,<sup>18</sup> que vieram ao país depois de 1938, foram hostilizados e até presos.

Desse modo, as expedições chefiadas por Schulz-Kampfenkel e Krieg evidenciam uma primeira fase da relação do governo brasileiro com alemães que pediram para realizar expedições científicas no país. O primeiro chegou em 1935, foi recebido por compatriotas influentes das sociedades carioca e paulistana, retratado como um grande cientista pelos jornais e passou 17 meses numa expedição pelo rio Jari, que contou inclusive com um hidroavião trazido de navio da Alemanha.<sup>19</sup>

---

<sup>16</sup> Silva, "Diplomacia das Cátedras", 401-2. Fundada em 1934, a USP contou com cientistas alemães para ocupar as cadeiras de ciências naturais, com a vinda do zoólogo Ernst Bresslau (1877-1935), logo substituído por Ernest Marcus (1893-1968), além do botânico Felix Rawitscher (1890-1957) e do químico Heinrich Rheinboldt (1891-1955). Já a EPM, criada em 1933, trouxe o médico Walter Büngeler (1900-1987); *Ibid.*, 414. Para mais detalhes sobre esse intercâmbio científico, vide Sá et. al., "Medicina, Ciência e Poder".

<sup>17</sup> CFE.T.2.039 e CFE.T.2.100, respectivamente.

<sup>18</sup> CFE.T.2.097 e CFE.T.2.175, respectivamente.

<sup>19</sup> CFE.T.039, 195, 220.

Krieg chegou em 1937, sendo que só pediu autorização para a expedição quando já estava no país.<sup>20</sup> Também ele contou com uma recepção calorosa tanto por parte da imprensa quanto dos cientistas brasileiros, como é analisado mais tarde. Sua expedição, por Argentina, Paraguai e pelos estados do Paraná e Mato Grosso durou cerca de sete meses.<sup>21</sup> Ele só teve problemas com as autoridades na hora de exportar o material para a Alemanha, o que tinha sido proibido de fazer, mas mesmo assim tentou.<sup>22</sup>

Já Schneider chegou em 1939, acompanhado da esposa, a taxidermista Margarete Schneider, e do também ornitólogo Helmut Sick. Como será mostrado mais tarde, Schneider teve sua viagem e coleta de aves pelo Espírito Santo autorizadas quase dois anos depois do pedido inicial. Impedido de voltar para a Alemanha por conta da eclosão da Segunda Guerra, ficou no Rio de Janeiro,<sup>23</sup> “reorganizando a coleção de aves do Museu Nacional”,<sup>24</sup> e chegou a fazer uma outra expedição em 1941, na qual coletou mais aves,<sup>25</sup> desta vez sem a companhia de Sick, que permaneceu no Espírito Santo, “independente” de Schneider a partir de julho de 1940.<sup>26</sup>

---

<sup>20</sup> CFE.T.2.100, D6 P2; D17, P1, P2; D20 A1.

<sup>21</sup> A requisição para a expedição diz que ela teria duração de um ano (CFE.T.2.100, D20 A1), porém, como o material coletado foi apreendido em 17 de setembro de 1938 (CFE.T.2.100, D28 P1, P2) e a autorização tinha sido dada em fevereiro do mesmo ano, calcula-se a duração da expedição em sete meses.

<sup>22</sup> CFE.T.2.100, D23 P1; D26, P1; D28;

<sup>23</sup> Pacheco & Bauer, “Adolf Schneider (1881-1946)”, 3, relatam que Gertrudes, filha caçula do ornitólogo, residia no Brasil desde 1931, casada com um argentino de origem alemã, Alberto Kehl.

<sup>24</sup> CFE.T.2.097, D10 P1.

<sup>25</sup> *Ibid.*, D13.

<sup>26</sup> *Ibid.*, D20, D21, D22.

A documentação mostra que todas as atividades de Schneider tiveram as devidas autorizações do CFE.<sup>27</sup> No entanto, embora fosse previamente combinado com as autoridades brasileiras, foi impedido de enviar o material coletado para a Alemanha, por ser um “cidadão do Eixo” no momento em que o Brasil estava em guerra com este.<sup>28</sup> Schneider foi preso em outubro de 1942. Libertado em maio de 1943, permaneceu no Brasil até março de 1944, quando retornou à Alemanha, onde morreu por inanição em outubro de 1946 na então Berlim Oriental.<sup>29</sup>

Heinrich Maximilian Friedrich Helmut Sick, que ficou conhecido na história da ornitologia brasileira como Helmut Sick,<sup>30</sup> chegou ao Brasil em 1939 na condição de assistente na expedição chefiada por Schneider. Em 1941, já independente deste, pediu autorização para uma nova expedição no Espírito Santo, que foi negada, porque os conselheiros do CFE entenderam que havia “incoerência” nas informações fornecidas.<sup>31</sup> No ano seguinte, o presidente do CFE informou as autoridades do Espírito Santo que Sick estava fazendo coletas sem autorização, solicitando que fossem apreendidos tanto ele quanto o material coletado.<sup>32</sup> Sick foi, de fato, preso. Libertado em 1944, permaneceu no Brasil até sua morte, em 1991.<sup>33</sup>

A história dessas expedições e da recepção dos cientistas alemães no período considerado não foi exaustivamente abordada até o presente. Assim,

---

<sup>27</sup> Ibid., D28 P1, P2

<sup>28</sup> Ibid., D31 P1.

<sup>29</sup> Pacheco & Bauer, 11.

<sup>30</sup> Sick, *Ornitologia Brasileira*; Sick, *Tukani*; Gonzaga, “Helmut Sick: in memoriam”; Vuilleumier, “In memoriam: Helmut Sick, 1910-1991”.

<sup>31</sup> CFE.T.2.175, D19, P2.

<sup>32</sup> Ibid., D23, P1, P2

<sup>33</sup> Gonzaga, 111.



no Capítulo 1 do presente trabalho é mostrado como os jornais da época repercutiram a chegada de Krieg e de Schulz-Kampfhenkel ao Brasil e as prisões de Schneider e Sick, cotejados com o corpus documental disponível no arquivo do CFE (cartas, ofícios, autorizações, telegramas etc.). Já no Capítulo 2 a documentação oficial é analisada para estabelecer o quanto as expedições sofreram influência de membros da comunidade alemã residente no Brasil ou de pessoas simpáticas a ela, no caso de Krieg e de Schulz-Kampfhenkel, embora estes não obedecessem rigorosamente o protocolo do CFE. Igualmente, a análise mostra que, a despeito das afirmações na mídia, o trabalho de Schneider teve autorização completa e cumpriu a legislação brasileira. Quanto a Sick, o fato de que a coleta de espécies de aves não teve autorização do CFE é inegável. No entanto, o material apreendido e o fato de ter ficado no Brasil após o fim da Segunda Guerra mostram que estava genuinamente comprometido com o estudo das aves brasileiras, tendo se tornado um nome conhecido pela comunidade científica internacional por seus estudos de aves brasileiras.<sup>34</sup> Em ambos os capítulos, contextualiza-se a mudança de postura do governo Vargas em relação às quatro expedições analisadas, embora as duas primeiras estivessem separadas das duas últimas por um curto intervalo de tempo.

---

<sup>34</sup> Esse fato é testemunhado em diversos documentos conservados no arquivo pessoal de Sick, composto por 22 caixas de material ainda não catalogado; vide também Gonzaga, "Helmut Sick"; Vuilleumier, "In memoriam"; Sick, *Ornitologia Brasileira*; e Sick, *Tukani*, onde o autor relata sua participação nas expedições da Fundação Brasil Central com Cláudio e Orlando Villas-Boas.

## **CAPÍTULO 1**

### **CIENTISTAS ALEMÃES: DE BEM VINDOS A INDESEJADOS**

#### **1.1 EXPEDIÇÕES ALEMÃS SEGUNDO OS JORNAIS CARIOCAS**

O exame do arquivo do CFE mostra que além das cartas, ofícios, autorizações, telegramas, etc., que compõem a maior parte do corpo documental, recortes de jornais com notícias relacionadas às expedições representam como esses cientistas foram apresentados à população. Ao analisar a documentação oficial sobre as expedições é possível notar que certas nuances, ou mesmo fatos fundamentais relacionados às expedições, não foram transmitidos ao público. Assim, no que segue procuramos evidenciar como foram representados nos jornais os cientistas alemães que estiveram no Brasil no período anterior e posterior a 1938, ano que, como mencionado na Introdução do presente trabalho, representou um marco na mudança do tratamento que os alemães recebiam no Brasil.

Seguindo a ordem cronológica, analisamos primeiro os casos de Schulz-Kampfhenkel e de Krieg; a documentação do CFE correspondente ao primeiro se estende no período de 1935 a 1938, e a do último de 1937 a 1940. Mostraremos como o tratamento dado a ambos ainda estava alinhado ao intercâmbio científico e cultural existente entre o Brasil e a Alemanha, embora em 1938 Krieg fosse impedido de exportar o material coletado.<sup>35</sup> Em

---

<sup>35</sup> CFE.T.2.100, D23 P1; D26, P1; D28;

seguida, é analisada a cobertura jornalística dos casos de Schneider e de Sick. Embora ambos chegassem ao Brasil em 1939 com a devida autorização do CFE, Sick passou a ter problemas com as autoridades brasileiras a partir de 1941, e ambos os cientistas foram presos no ano seguinte, por serem cidadãos do Eixo, no momento em que o Brasil estava em guerra com este. Apesar de entrarem no país legalmente e, pelo menos no caso de Schneider, terem realizado todas as coletas com autorização do CFE, os jornais não pouparam os cientistas de serem chamados de espiões.

### **1.1.1 UM AVIÃO DE GOERING SOBREVOLA A AMAZÔNIA**

No dia 9 de agosto de 1935, a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, estampava na primeira página uma entrevista com “o jovem cientista alemão [Otto] Schulz-Kampfenkel, que pretende estudar as nossas florestas com o auxílio de um pequeno avião”.<sup>36</sup> Segundo o jornal, “uma viagem que mereceu da Legação Brasileira em Berlim os mais francos aplausos e que o governo do *Reich* oficializou”, e que o jornal chamava no título de “sensacional expedição do Jary”.<sup>37</sup> O texto, elogioso do início ao fim, depois de uma breve introdução descrevendo o objetivo da viagem, “uma excursão de estudos zoológicos à zona do rio Jary, no Estado do Pará”, exalta as supostas credenciais do viajante:<sup>38</sup>

“O senhor Schulz-Kampfenkel é uma expressão  
brilhante da moderna geração, essa geração que ora está

---

<sup>36</sup> “Nas Vésperas da sua Sensacional Expedição ao Jary”, *Gazeta de Notícias*, 9/8/1935, CFE.T.2.039, D17 P1

<sup>37</sup> Ibid.

<sup>38</sup> Ibid.

surgindo cheia de vida e de coragem, disposta a levar de roldão todos os obstáculos que ainda estão entravando a marcha da civilização. Tem vinte e poucos anos, mas fala várias línguas, possui uma biografia cheia de triunfos e já é um nome conhecido e acatado nos meios científicos europeus.”<sup>39</sup>

Em seguida, o texto fala da viagem anterior de Schulz-Kampfenkel, onde teria explorado as florestas da Libéria, na África Ocidental, e percebido o valor de sobrevoos para o estudo desses ambientes. O episódio o teria motivado a fazer um curso de pilotagem e a se decidir pela Amazônia como destino de sua próxima expedição.<sup>40</sup>

O que nenhum jornal menciona é que o uso do hidroavião, trazido de navio da Alemanha, foi um dos episódios controversos da expedição, já que, pelo que se encontra na documentação, o Estado Maior do Exército, consultado pelo CFE, sustentava que voos de aviões estrangeiros em território nacional, quando autorizados, precisavam obrigatoriamente da presença de um militar a bordo.<sup>41</sup> Schulz-Kampfenkel argumentou que não era possível incluir um oficial brasileiro, por haver apenas dois lugares na aeronave.<sup>42</sup> O CFE acabou autorizando o uso do hidroavião,<sup>43</sup> depois que os

---

<sup>39</sup> Ibid. Em CFE.T.039, 229, porém, lê-se que os membros da expedição Schulz-Kampfenkel não apresentaram “nenhum título científico”.

<sup>40</sup> “Nas Vésperas da sua Sensacional Expedição ao Jary”, *Gazeta de Notícias*, 9/8/1935, CFE.T.2.039, D17 P1

<sup>41</sup> CFE.T.2.039, 209

<sup>42</sup> Ibid., 220-1.

<sup>43</sup> Ibid., 243.

militares mudaram de ideia após terem recebido uma carta de diplomatas alemães.<sup>44</sup>

Sobre a entrevista à *Gazeta de Notícias*, vale ressaltar que Schulz-Kampfhenkel declarou que uma das razões que o fez escolher a Amazônia como alvo de seus estudos foi o acolhimento da ideia pela diplomacia brasileira em Berlim, o que se pôde comprovar na documentação oficial, que mostra o apoio que os expedicionários alemães receberam das autoridades brasileiras:<sup>45</sup>

“ – Como já frisei, o território da Amazônia constitui uma das zonas florestais mais ricas e zoológicamente mais interessantes do mundo. Outra razão que me levou a escolher a Amazônia para campo dos meus estudos foi o excelente acolhimento, e o real interesse da Legação brasileira em Berlim. Assim, não hesitei em formular, por intermédio do Ministério das Relações Exteriores do *Reich*, um pedido às autoridades brasileiras para a necessária licença, tanto mais quando o governo do *Reich*, interessando-se igualmente por meus planos, concedeu-me os auxílios financeiros que garantem a execução do empreendimento.”<sup>46</sup>

Após descrever em detalhes o avião que ia usar, além de explicar que pretendia fazer observações *in loco* da fauna, “de preferência dos mamíferos, amphibios e réptis” e publicar os resultados em uma

---

<sup>44</sup> Ibid., 231-2.

<sup>45</sup> CFE.T.2.039, D49 P1, P2.

<sup>46</sup> “Nas Vésperas da sua Sensacional Expedição ao Jary”, *Gazeta de Notícias*, 10/8/1935. CFE.T.039, D17, P1, P2

“monographia scientifica”, o explorador encerra a entrevista com outro afago às autoridades brasileiras:<sup>47</sup>

“[...] jamais em outras partes do mundo tive recepção tão amável e atenciosa como no Pará e aqui na linda Capital do Brasil [,] o que me enche de esperanças de que dessa íntima colaboração com as autoridades brasileiras, resultem novos valores culturais apreciáveis para ambas as nações.”<sup>48</sup>

Das expedições analisadas no presente trabalho, a de Schulz-Kampfhenkel é a mais extensamente documentada, com 120 documentos, totalizando 176 páginas, muitas delas recortes de jornais com textos sempre favoráveis, na maior parte, e alguns que apenas mencionam a presença dos expedicionários.<sup>49</sup> Numa longa reportagem publicada pelo jornal *A Nota*, em março de 1938, após o fim da expedição de Schulz-Kampfhenkel e seus assistentes Gerd Kahle, Gerhard Krause e Joseph Greiner – teuto-brasileiro recrutado no Brasil, que morreu de malária durante a expedição, “a única vítima que a febre não poupou” (Figura 1) –<sup>50</sup> passa quase despercebida a informação, em apenas um parágrafo, de que o avião usado na expedição

---

<sup>47</sup> Ibid.

<sup>48</sup> Ibid.

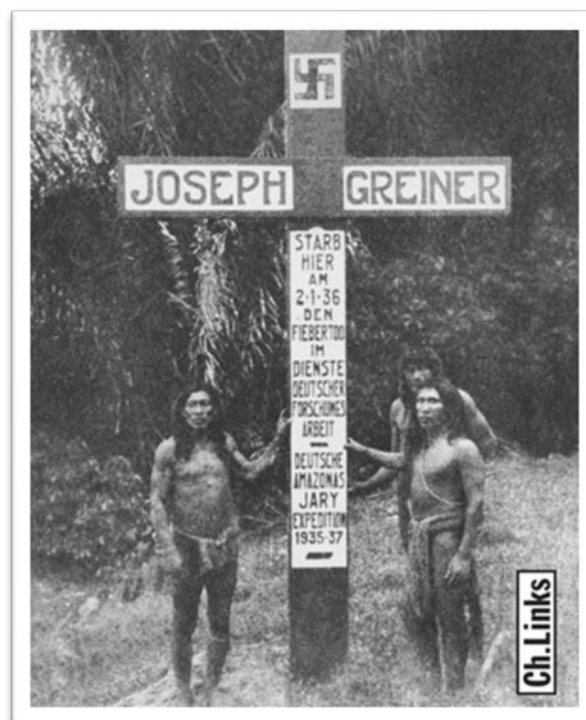
<sup>49</sup> “Nas Vesperas de sua Sensacional Expedição ao Jary”, *Gazeta de Notícias*, 9/8/1935. CFE.T.2.039, D17 P1, P2. “Na Camara de Comercio e Indústria do Brasil”, *A Batalha*, 20/8/1935. CFE.T.2.039, 241. “Em Busca das Vozes e da Vida da Mata Virgem”, *O Globo*, 22/8/1935, CFE.T.2.039, 247, 248; “Em Vésperas de Mais uma Expedição Científica”, *Gazeta de Notícias*, 22/8/1935. CFE.T.2.039, 249; “Missão Científica Alemã”, *Gazeta de Notícias*, 23/8/1935, CFE.T.2.039, 250; “Estudando a Fauna Amazônica”, *A Noite*, 24/8/1935. CFE.T.2.039, 254. “A expedição Allemã ao Jary”, *A Nota*, 26/3/1938. CFE.T.2.039, D106 P1; “Através da Amazônia”, *A Noite Illustrada*, 29/3/1938. CFE.T.2.039, 359-61. “Três Mil Bichos do Brasil numa Exposição em Berlim”, *Vanguarda*, 14/4/1938. CFE.T.2.039, 109.

<sup>50</sup> “A Expedição Allemã ao Jary”, *A Nota*, 26/3/1938, CFE.T.2.039, D106 P1.

fora cedido pelo então ministro da Aeronáutica alemã, Hermann Goering (1893-1946):<sup>51</sup>

“O ministro da Aeronáutica da Alemanha, marechal Goering, informado dos projetos dos dois jovens audaciosos, pôs um pequeno avião *Heinkel* à disposição do piloto Gerd Kahle, avião esse que foi o principal elemento da expedição.”<sup>52</sup>

Figura 1. Imagem do túmulo do teuto-brasileiro Joseph Greiner no Jari, que morreu durante a expedição de Schulz-Kampfenkel, com a cruz entalhada com uma suástica e cercada por três índios.<sup>53</sup>



<sup>51</sup> A partir do ano seguinte, Goering conduziria a *Luftwaffe*, a força aérea nazista, durante a Segunda Guerra.

<sup>52</sup> “A Expedição Alemã ao Jary”, *A Nota*, 26/3/1938, CFE.T.2.039, D106 P1.

<sup>53</sup> Capa do livro *Das Guayana-Projekt: Ein deutsches Abenteuer am Amazonas* (O Projeto Guiana: uma aventura alemã na Amazônia), do jornalista Jens Glüsing, vide nota 59 *infra*.

Muito mais destaque ganha a descrição da interação dos expedicionários com os índios da região, mesmo tendo sido esta restringida na autorização da expedição,<sup>54</sup> e o cientista ter declarado, em entrevista ao jornal *O Globo*, dias antes de partir para Belém, que ouro e índios, abundantes no Jari, eram “duas coisas que não me interessam”<sup>55</sup>.

O texto em *A Nota* é uma versão de um relato que teria sido escrito pelo piloto da expedição, Gerd Kahle, e publicado no periódico alemão *Berliner Lokal Anzeiger* naquele mesmo dia, como informa o jornal brasileiro. Segundo relata Kahle, os expedicionários haviam sido avisados de que não havia mais índios na região, pois haviam sido “dizimados pelas epidemias”:

“Assim, foi com surpresa que encontramos os primeiros entes humanos tão distante de qualquer aglomeração civilizada. E então se iniciou uma das fases mais interessantes da expedição – a vida ao lado desses indígenas. Participamos da sua existência, assistimos às suas festas no mais autêntico colorido. Foi assim que conseguimos filmar momentos do mais vívido interesse, que ontem todo Berlim viu e apreciou na sua primeira passagem pelos cinemas da nossa capital. Também fixamos cantos índios em discos de gramofone, do mais curioso efeito musical.”<sup>56</sup>

Não bastasse o contato tão próximo com os índios, o explorador relata que foram feitas filmagens e gravações de áudio, sendo que a viagem tinha

---

<sup>54</sup> CFE.T.2.039, 243.

<sup>55</sup> “Em Busca das Vozes e da Vida da Mata Virgem”, *O Globo*, 22/8/1935, CFE.T.2.039, 248.

<sup>56</sup> “A Expedição Alemã ao Jari”, *A Nota*, 26/3/1938, CFE.T.2.039, D106 P1.



sido autorizada apenas para “estudos zoológicos e a observação da fauna tropical”.<sup>57</sup>

O estudioso F. Füllgraf afirma que Schulz-Kampfenkel era, na verdade, um geógrafo, membro da SS, poderosa organização do governo de Hitler, comandada por Heinrich Himmler, e estaria fazendo levantamentos geofísicos da bacia do Jari, que interessavam às autoridades brasileiras, já que a região era muito pouco conhecida. A viagem rendeu ainda o documentário sobre os índios e a região, que teria tornado Schulz-Kampfenkel um homem “próspero”.<sup>58</sup> Após 1946, o alemão continuou figurando como “nazista a serviço da inteligência militar norte-americana”, na letra ‘S’ do arquivo ‘*Top Secret decimal file, Records of Army General Staff, RG 319, NA*’, recentemente tornado público.<sup>59</sup>

Apenas um recorte dentre os existentes no arquivo do CFE referentes a Schulz-Kampfenkel trata de maneira mais crítica a expedição; mesmo assim, foi publicado na *Gazeta de Notícias*, jornal que exaltava a chegada dos alemães. Numa coluna na edição de 2 de novembro de 1935, um texto não assinado diz que um telegrama da Alemanha anunciava que os exploradores já haviam enviado um relatório, no qual afirmavam que em breve alcançariam a região do Médio Jari. Após transcrever o telegrama, o editorialista declara, grafando erroneamente o nome do chefe da expedição:

---

<sup>57</sup> CFE.T.2.039, 232.

<sup>58</sup> Füllgraf, “Nazistas na Amazônia”.

<sup>59</sup> Ibid. O conteúdo do arquivo mencionado, conservado nos Estados Unidos, não pode ser acessado online. Füllgraf escreveu o artigo por ocasião do lançamento na Alemanha do livro *Das Guayana-Projekt – Ein deutsches Abenteuer am Amazonas* (Berlin: Christoph Links Verlag, 2008), do jornalista Jens Glüsing, em que detalha o projeto nazista, depois abandonado, de tomar as Guianas e que teve Schulz-Kampfenkel como um de seus idealizadores.

“Tudo que está ali é inexato. Preliminarmente, é preciso que se declare que os srs. Pempfenkel e Kahle, além de não estarem explorando o curso superior do Amazonas, não são sábios e, sim, apenas, dois moços, que mal acabam de sair de uma das Universidades alemãs. [...] Ainda não se passaram quatro meses e os jovens, naturalmente, querendo dar-se importância, já mandaram divulgar na Alemanha: – ‘que brevemente atingirão a região até agora inexplorada do Médio Jary.’ Na ânsia de passarem por heróis, que percorrem selvas inteiramente desconhecidas do mundo civilizado, eles não hesitaram em pregar essa patranha. Assim o Jary, que é um dos primeiros afluentes do Baixo Amazonas e que deixou de ser desconhecido desde o século passado, quando foi percorrido por [Jules] Creveaux [(1847-1882)], é dado como uma artéria fluvial ainda inexplorada e que fica no curso superior do Rio-Mar. É demais!... E dizer-se que é desse modo que muitos estrangeiros passam, nos seus países, como valorosos desbravadores dos sertões brasileiros...”<sup>60</sup>

Com exceção do texto acima, que ainda assim não menciona em qualquer momento ameaça de espionagem ou à soberania nacional, a tônica da cobertura da imprensa sobre a expedição de Schulz-Kampfenkel foi de exaltação, da mesma forma que aconteceu com seu compatriota Hans Krieg, que desembarcava aqui no ano em que a expedição ao Jari terminava.

---

<sup>60</sup> “Exploradores...”, *Gazeta de Notícias*, 7/11/1935, CFE.T.2.039, D66 P1.

## 1.1.2 UM 'INTRANSIGENTE' DEFENSOR DO TERCEIRO REICH VISITA O

### BRASIL

O tom efusivo com que Schulz-Kampfhenkel foi recebido no Brasil se repetiria dois anos depois, quando desembarca no Rio de Janeiro Hans Krieg. A razão da viagem, segundo a *Gazeta de Notícias* de 23 de outubro de 1937, seria “realizar estudos geológicos e geográficos para o Instituto Geológico da Baviera, de que é diretor”.<sup>61</sup> (Figura 2)

Figura 2. Notícia sobre a chegada de Hans Krieg ao Rio de Janeiro, *Gazeta de Notícias*, 23 de outubro de 1937.<sup>62</sup>



<sup>61</sup> “A Recepção a um Cientista Alemão”, *Gazeta de Notícias*, 23/10/37. CFE.T.2.100, D12 P1.

<sup>62</sup> Ibid. Crédito da imagem: Arquivo do CFE – Acervo MAST.

O jornal relata, ainda, que o “grande cientista alemão [...] teve por parte do mundo científico e intelectual a mais calorosa recepção”<sup>63</sup>. Além disso,

“[...] recebeu ele do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro um convite para assistir à sessão magna que esse egrégio Instituto realizou para celebrar o seu 39º aniversário. Acompanhado pelo diretor da Sociedade Pró-Arte, compareceu o ilustre cientista à sessão, no decorrer da qual foi saudado pelo secretário perpétuo do Instituto Histórico, professor dr. Max Fleiuss.”<sup>64</sup>

Segundo a matéria, o cientista foi recebido no Jardim Botânico por seu então diretor, Paulo de Campos Porto (1889-1968), sem mencionar que este respondia na época também pela presidência do CFE, órgão que arbitrava sobre as expedições científicas estrangeiras no Brasil. Segundo a *Gazeta*, na companhia de Campos Porto, Krieg “percorreu todas as seções” do Jardim Botânico, “mantendo-se em animada palestra os dois cientistas”.<sup>65</sup>

A documentação do CFE mostra que, apesar de ter autorizado a expedição, embora o pedido tivesse sido feito quando Krieg já estava no Brasil, Campos Porto não cedeu quando Krieg e Theodoro Heuberger,<sup>66</sup> que

---

<sup>63</sup> Ibid.

<sup>64</sup> Ibid.

<sup>65</sup> Ibid.

<sup>66</sup> Heuberger, nascido em Munique em 1898, foi um pintor e agente cultural que veio ao Brasil a convite do pintor e diplomata brasileiro, Mário Navarro da Costa (1883-1931), cônsul-geral do Brasil em Munique, para organizar a I Exposição de Arte e Artesanato Alemães no Rio de Janeiro, em 1924. Mais tarde, Heuberger fez vir da Alemanha importantes mostras de pintura, artes gráficas e design, para o qual instalou no Rio de Janeiro a *Galeria Heuberger* – a primeira a exibir no país trabalhos de Paul Klee, entre outros. Em 1931, junto de Maria

o ciceroneou no Brasil, pediram a liberação do material depois de apreendido na alfândega.<sup>67</sup>

O périplo do alemão prosseguiu pelo Museu Nacional, onde também foi recebido pelo diretor da instituição, Alberto Betim Paes Leme (1882-1938). A notícia dá conta de que “o entendimento entre os cientistas patricios e seu visitante da Universidade de Munique foi ótimo”.<sup>68</sup> Por fim, o dia se encerrou com uma visita à Associação Brasileira de Imprensa (ABI), onde Krieg foi recepcionado pelo presidente da ABI, Herbert Moses (1884-1972).<sup>69</sup>

O texto termina afirmando que a “entusiástica” recepção que Krieg teve “em toda a parte [...] bem nos mostra que no terreno das ciências e das artes não existem barreiras que possam separar os povos, e que essas são ainda as bases sólidas que garantem a eficiência do intercâmbio cultural entre as nações”.<sup>70</sup>

Também entre os outros recortes de jornais presentes no arquivo do CFE sobre a expedição de Krieg, o tom é de exaltação. Nenhum periódico do Rio de Janeiro levanta suspeitas sobre as motivações da expedição,<sup>71</sup> mesmo que a Alemanha estivesse sob o regime nazista desde 1933, que tinha a simpatia de Getúlio Vargas. Apenas um jornal, de Minas Gerais,

---

Amélia de Rezende Martins, Heuberger fundou a Sociedade Pró-Arte, com a finalidade de divulgar as artes, letras e ciências em várias regiões do país; vide Vinholes, “Pró-Arte”.

<sup>67</sup> Ibid., D38 P1, P2; D32, P1; D43, P1, P2.

<sup>68</sup> Ibid.

<sup>69</sup> Ibid.

<sup>70</sup> Ibid.

<sup>71</sup> Ibid.; “Veiu Fazer Estudos Geologicos e Geographicos na America do Sul”, *O Globo*, 20/10/1937. CFE.T.2.100, D10 P1; “Para Realizar mais uma Expedição no Continente Sul-americano”, *Correio da Manhã*, 21/10/1937. CFE.T.2.100, D11 P1; “Conferência do Prof. Dr. Krieg no Club Germania”, *Jornal do Brasil*, 27/10/1937. CFE.T.2.100, D15 P1. “Prof. Dr. Hans Krieg, Cientista e Explorador”, *Jornal do Brasil*, 17/10/1937. CFE.T.2.100.

questionou a permissão dada para a expedição. Repercutindo a notícia da viagem de Krieg dada pelas agências internacionais, em 6 de outubro, antes da chegada do navio “General Artigas” que trazia o cientista, a esposa e um assistente ao Rio de Janeiro, o *Jornal do Commercio*, de Juiz de Fora, publicava um texto indignado sobre a temeridade de tais expedições:

“Há razão, e bastante, para que não franqueemos nossas fronteiras a tanto 'professor' que manifeste desejo de estudar a nossa flora e a nossa fauna. [...] Ora, o Brasil não deve permitir que enviados de organizações estrangeiras venham estabelecer estudos sobre determinadas coisas ou regiões nossas.”<sup>72</sup>

No último parágrafo o texto acentua ainda mais o risco de se permitir tais viajantes em solo brasileiro. Enquanto nos primeiros cinco parágrafos cientistas e expedições são mencionados de forma genérica, sendo o caso Krieg apenas um exemplo recente, o último parágrafo não deixa dúvidas do real temor do editorialista:<sup>73</sup>

“Têm sido denunciados pelo mundo em fora os planos expansionistas do governo do Terceiro *Reich* com referência ao Brasil. E não será incúria nossa, se não crime de lesopatriotismo, permitir que ‘expedições científicas’ assim suspeitas aqui venham em caráter particular, estudar o nosso terreno e o que se contém em nosso solo e em nosso subsolo?”<sup>74</sup>

Antes da expedição ocorrer de fato, exceto pelo texto do *Jornal do Commercio*, nenhum outro, pelo que consta no arquivo do CFE, questiona

---

<sup>72</sup> “Expedições Científicas”, *Jornal do Commercio*, 6/10/1937. CFE.T.2.100 D5 P1.

<sup>73</sup> Ibid.

<sup>74</sup> Ibid.

possíveis ameaças que a viagem de Krieg pudesse representar. Os dados disponíveis nos jornais da época, assim como o trabalho da estudiosa U. Deichmann, sugerem que pelo menos um dos objetivos de Krieg, a saber, fazer propaganda da ciência alemã no exterior, foi cumprido, através de palestras proferidas no Rio de Janeiro e em São Paulo, antes de realizar a sua expedição.<sup>75</sup>

Baseada em documentos da *Deutsche Forschungsgemeinschaft* (DFG), agência alemã de apoio à pesquisa, Deichmann faz um levantamento do estado da arte da biologia alemã sob os auspícios de Hitler, sendo que Schulz-Kampfenkel, Schneider e Sick não são mencionados entre os vários cientistas elencados. Já Krieg é descrito como um zoólogo cuja pesquisa era centrada em sistemática, ecologia e biogeografia das aves.<sup>76</sup>

Segundo essa autora, em seu pedido de financiamento para a expedição à América do Sul à DFG, Krieg enfatizou o grande valor da cooperação com organizações do partido nazista no exterior, e que, na sua visão, era necessário que as pessoas que viajassem para fora fossem “intransigentes e honestos apoiadores do Terceiro *Reich*”, sem que parecessem propagandistas à primeira vista: “Nós, cientistas, somos os mais adequados à essa tarefa [...] Nosso trabalho positivo tem mais efeito no longo prazo do que todo burburinho jornalístico.”<sup>77</sup>

Embora Deichmann não dê mais detalhes do papel de Krieg como propagandista da ciência alemã no exterior, uma das reportagens sobre sua

---

<sup>75</sup> Deichmann, *Biologists under Hitler*, 156.

<sup>76</sup> *Ibid.*

<sup>77</sup> Krieg apud *Ibid.*

viagem menciona alguns postos que ele ocupou em organizações transnacionais como “presidente da União de trabalhos científicos Alemã-Ibero Americana de Munique, membro do conselho científico do Instituto para os Alemães no Estrangeiro em Stuttgart e membro honorário do Centro Latino Americano de Estudantes em Munique”.<sup>78</sup>

Uma das frentes do intercâmbio científico entre Brasil e Alemanha nos anos 1920, e que se estenderia pela década de 1930, foi a criação de associações e revistas científicas. A.F.C. da Silva menciona a Academia Médica Germano-Ibero-Americana,<sup>79</sup> enquanto M.R. Sá e colaboradores citam os exemplos de periódicos como a *Revista Médica de Hamburgo*, que passou a ser publicada em português e em espanhol em 1920 até se fundir com uma revista argentina em 1928, passando a se chamar *Revista Médico-Germano-Ibero-Americana*, além da *Revista Terapêutica e O Farmacêutico Brasileiro*.<sup>80</sup>

Parte dos resultados da expedição de Krieg ao interior do Brasil, porém, foram frustrados pelas autoridades brasileiras. Pelo menos no que se trata da coleta de animais. Tendo chegado sem autorização para a expedição e a coleta de material zoológico,<sup>81</sup> o cientista conseguiu permissão apenas para a viagem, com a garantia de que não levaria nada sem autorização.<sup>82</sup>

Ao chegar ao porto de Santos, porém, o material coletado ilegalmente, e que deveria seguir para sua terra natal, foi encontrado quando a bagagem

---

<sup>78</sup> “Prof. Dr. Hans Krieg, Cientista e Explorador”, *Jornal do Brasil*, 17/10/1937. CFE.T.2.100.

<sup>79</sup> Silva, 419.

<sup>80</sup> Sá et. al., 250.

<sup>81</sup> CFE.T.2.100, D23 P1.

<sup>82</sup> Ibid., D22 P1.



foi revistada pelas autoridades alfandegárias, em setembro de 1938. O conteúdo foi apreendido por constar, segundo relatado em telegrama da polícia transcrito pelo presidente do CFE, de dez volumes pesando no total 399 quilos “contendo material científico coligido [no] país[,] tais como[:] peixes[,] sapos[,] cobras[,] aves[,] pedras e esqueletos [de] animais”.<sup>83</sup> Krieg já estava na Alemanha quando soube da apreensão do material, cuja exportação para seu país tinha deixado a cargo de assistentes.<sup>84</sup>

No Rio de Janeiro, apenas o *Diário de Notícias*, em sua edição de 2 de novembro de 1938, se manifestou sobre a apreensão do material, chamando o episódio de “desafôro”, ironizando o fato de Krieg ter “se esquecido” de cumprir o acordo de deixar parte do material no Brasil e cobrando medidas mais enérgicas contra violações daquele tipo.

“É de lamentar que a lei reguladora das expedições científicas não consigne um meio de repressão mais enérgico – forte multa, por exemplo – desse gênero afrontoso de contrabando, que envolve inquestionável menoscabo de nossas leis por estrangeiros.”<sup>85</sup>

### **1.1.3 ADOLF SCHNEIDER: ‘CHÔ! CHÔ! PASSARINHO’**

Na edição de 5 de março de 1942, o jornal *O Radical* noticiava a prisão de Adolf Schneider,<sup>86</sup> que desde 1939, como ornitólogo do Museu de

---

<sup>83</sup> CFE.T.2.100, D26 P1; D28.

<sup>84</sup> CFE.T.2.100, D43 P1.

<sup>85</sup> “Desafôro...”, *Diário de Notícias*, 2/11/1938. CFE.T.2.100, D41. O jornal *O Imparcial*, da Bahia, chamou o episódio de “facto revoltante”. CFE.T.2.100, D42.

<sup>86</sup> “Chô! Chô! Passarinho ...”, *O Radical*, 5/3/42, CFE. T.2.097, D29 P1.

Zoologia de Berlim, realizava expedições pelo interior do país em busca de espécimes de aves para a coleção da instituição.<sup>87</sup>

A cobertura da imprensa tanto da prisão de Schneider, quanto da de Sick, discutida mais tarde, se alinhava ao momento em que o Brasil rompeu relações diplomáticas com a Alemanha, aliando-se aos Estados Unidos durante a Segunda Guerra. Os norte-americanos finalmente venciam a batalha diplomática que vinham travando com os alemães por influência no maior país da América do Sul. O estudioso S. Hilton chama a atenção para o fato de que no início da Segunda Guerra era uma “crença popular”, nos Estados Unidos, que o Brasil poderia ser uma “área fértil para maquinações do Eixo”, dada a grande colônia alemã que aqui vivia.<sup>88</sup> A adesão do Brasil, portanto, era uma conquista estratégica dos Aliados.

Jornal fundado em 1932 para apoiar Getúlio Vargas, *O Radical* repercutia a nova política do presidente, transmitindo desconfiança em relação a Schneider ao insinuar que o cientista estrangeiro era, na verdade, um espião. Intitulado “Chô! Chô! Passarinho – A Academia de Ciências da Prússia Mantinha um Cientista no Brasil para Estudar as Aves do Espírito Santo...”, o recorte, incluído no arquivo do CFE (Figura 3), diz repetir-se, naquele caso, “a velha história de sempre”, segundo a qual cientistas estrangeiros chegavam ao Brasil munidos de credenciais, sendo bem recebidos pelos colegas brasileiros:

---

<sup>87</sup> Pacheco & Bauer, 4.

<sup>88</sup> Hilton, *Guerra Secreta de Hitler*, 15.

“Depois, naturalmente, demoram-se em conferências na sua Embaixada. ‘Visita de pura cortesia’, informarão aos que perguntarem o que foram fazer lá.

De portas fechadas, examinam mapas em companhia de observadores locais, tomam conhecimento de relatórios, entendem-se com a autoridade do partido...

Depois vão embora para o interior, sem que ninguém saiba que partiram. O sertanejo pode estranhar sua presença, mas logo funcionários da Prefeitura, impressionados pelas cartas de apresentação, informam ao 'tabaréu' desconfiado:

– ‘É um cientista de grande nome, uma sumidade...’<sup>89</sup>

O texto é ilustrado com uma caricatura de um explorador estrangeiro, com uma rede para capturar borboletas, chapéu de safari e câmera fotográfica. O caso acima mencionado, segundo o editorial, é certamente o de Adolf Schneider e de sua expedição:

“Finalidade da viagem: estudo de aves. Numa hora em que o *fuherrer*-marechal anda consideravelmente preocupado com o êxodo de suas tropas na frente oriental e com o arrasamento das fábricas Renault, que produzem material de guerra para o *Reich*, mantém em nossa terra um cidadão exclusivamente para estudar a vida e a morte das pobres avezinhas brasileiras.

Mas onde é que ele estuda?

No Espírito Santo, onde certamente poderia colher ‘informações’ valiosas com os numerosos alemães que ali residem agrupados em colônias...

Há gente achando por aí que é isso mesmo: que o dr. Schneider só queria estudar as cores dos nossos pássaros, para

---

<sup>89</sup> Ibid.

aumentar a cultura do terceiro Reich, talvez com preferência acentuada pelos periquitos tão verdes quanto as camisas do sigma.

Mas nós repetimos, agora que ele se apronta para nos deixar.

Chô! Chô Passarinho... Chô...”<sup>90</sup>

Além da acusação de espionagem a Schneider, o editorialista é irônico quanto aos cientistas brasileiros, que receberiam os estrangeiros com deslumbramento, sem questionar se estes não teriam interesses espúrios:

“Pois é a história velha de sempre...

O cidadão desembarca aqui no Brasil como esse personagem da caricatura que ilustra esta nota... Em geral traz uma pasta com suas credenciais e recomendações. Quase sempre são todas verdadeiras. Salta, vai ao Museu Nacional, conversa com alguns cientistas brasileiros que, por via de regra, ficam muito satisfeitos em cumprimentar uma autoridade na matéria de sua especialidade e preparam-se afinal para suas viagens de pesquisas.

‘Muito interesse pelas coisas do Brasil, porque – a fauna e a flora deste país são verdadeiras maravilhas, de cujo exame muito poderá lucrar a ciência universal’. O pio é esse, com ligeiras variantes de detalhe.”<sup>91</sup>

---

<sup>90</sup> Ibid.

<sup>91</sup> Ibid.

Figura 3. Recorte do jornal *O Radical* de 5 de março de 1942.<sup>92</sup>



Numa primeira leitura, o tom jocoso, e até mesmo agressivo, do editorial que trata de Schneider parece justificar-se no fato de que o Brasil acabava de cortar relações diplomáticas com a Alemanha, aliando-se aos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, saindo, assim, da esfera de influência germânica. Schneider era agora um inimigo declarado do país.

Já do ponto de vista legal, porém, o ornitólogo tinha realizado o procedimento que cabia a cientistas estrangeiros que quisessem explorar a natureza brasileira: antes de viajar ao Brasil havia pedido, e recebido, autorização para a expedição, além de se comprometer a deixar material parasitológico coletado para o Instituto Oswaldo Cruz, que em troca se

<sup>92</sup> Ibid. Crédito da imagem: Arquivo do CFE – Acervo MAST.

comprometeu a patrocinar a expedição.<sup>93</sup> Uma vez em solo brasileiro e tendo realizado as coletas que se propusera, Schneider pediu a aprovação de uma extensão da viagem, no que foi atendido.<sup>94</sup> Por fim, quando terminada essa segunda fase, pediu autorização para exportar o material coletado, esta foi negada com a única justificativa do cientista ser um cidadão do Eixo no momento em que o Brasil era inimigo deste.<sup>95</sup>

Por estar no Brasil quando foram rompidas as relações diplomáticas com a Alemanha, Schneider ficou nove meses preso, retornando à sua terra em 1944, onde morreu por inanição dois anos depois, na então Alemanha Oriental. Sua mulher, Margarete, suicidou-se logo após a sua morte.<sup>96</sup>

#### **1.1.4 SICK E A “CANTIGA VELHA DE ‘URUBU MALANDRO’”**

Helmut Sick recebeu tratamento parecido ao de Adolf Schneider por parte da imprensa carioca quando foi preso em 1942 no Espírito Santo.<sup>97</sup> Diferentemente do colega, porém, Sick estava fazendo coletas desde 1941 sem autorização do CFE.<sup>98</sup> Ele chegou ao Brasil em 1939 na condição de assistente da expedição de Schneider, mencionada acima e devidamente

---

<sup>93</sup> CFE. T.2.097, D9 P1.

<sup>94</sup> Ibid., D15, A1 P1

<sup>95</sup> Ibid., D28 P1-2, D31 P1-2.

<sup>96</sup> Pacheco & Bauer, 11.

<sup>97</sup> “Apreendido o Material Coletado por Helmut Sick”, *A Noite*, 7/4/1942. CFE.T.2.175, D35 P1; “Que Teria Feito o Desobediente Sr. Helmut Sick no Espírito Santo?”, *O Radical*, 8/4/1942. CFE.T.2.175, D38 P1; “Cantiga Velha de ‘Urubu Malandro’”, *O Radical*, 18/4/1942. CFE.T.2.175.

<sup>98</sup> CFE.T.2.175, D1 P1.

autorizada pelo Conselho.<sup>99</sup> Em carta ao CFE de 2 de janeiro de 1941, Schneider informa que sua expedição deveria ter terminado em janeiro de 1940, mas por conta da eclosão da Segunda Guerra ele não pôde regressar e ficou no Brasil, reorganizando a coleção de aves do Museu Nacional, enquanto Sick havia permanecido no Espírito Santo desatrelado de sua expedição:

“Há pouco, recebi, muito atrasado, a notícia da Alemanha, que o Dr. Sick ficou independente de mim, desde I.VII.1940. A responsabilidade que assumi então também para Dr. Sick termina portanto neste dia. [...] Escrevi a Dr. Sick que não pode colecionar sem permissão e que deve dirigir para tal ao Conselho.”<sup>100</sup>

Como será conferido com mais detalhes no próximo capítulo, Sick pediu autorização ao CFE para as coletas só depois de ter sido informado pelo mesmo de que precisaria desta.<sup>101</sup> Porém, com base na alegação de que as informações prestadas pelo ornitólogo eram “incoerentes”, a licença foi negada.<sup>102</sup> Em 1942, ao saber que Sick estava fazendo as coletas mesmo sem a autorização necessária, o CFE pediu que o prendessem e recolhessem todo o material coletado por ele.<sup>103</sup>

O jornal *O Radical*, de 18 de abril de 1942, com o mesmo tom jocoso com que havia tratado da prisão de Schneider pouco mais de um mês

---

<sup>99</sup> CFE.T.2.175, D29 P1.

<sup>100</sup> CFE.T.2.097, D10 P1.

<sup>101</sup> CFE.T.2.175, D4 P1; D1 P1.

<sup>102</sup> Ibid., D19 P1 e P2.

<sup>103</sup> Ibid., D25 P1 e P2.

antes, estampava uma coluna com o título “Cantiga Velha de ‘Urubu Malandro”” referindo-se a Sick:

“O sr. Helmut Sick vive apaixonado pelos nossos passarinhos.

Ele próprio é uma pomba sem fel.

Nesta época de guerra, ao invés de dedicar-se, como todo mundo faz, aos problemas que interessam de perto a sobrevivência do Direito e da Liberdade sobre a terra, prefere viajar pelo interior dos estados do Brasil, estudando as nossas aves.

Ultimamente, chefiando uma expedição científica, andou cortando em todas as direções do Estado do Espírito Santo.

Nada de mais, sem dúvida nenhuma.

Talvez quisesse descobrir sotaque de alemão no canto das juritis.”<sup>104</sup>

Caso restasse alguma dúvida de que o jornal acusava Sick de espionagem, o que vinha a seguir, mesmo com toda ironia contida no texto, não podia ser mais claro:

“Ou pensasse na possibilidade de cruzar pombo-correio com papagaio, para mandar mensagens faladas a Berlim, já que os diplomatas do Eixo foram expulsos do território nacional...

Estamos fartos de gente dessa espécie: ornitologistas que levantam mapas das nossas defesas, pescadores que são oficiais do exército nipônico, plantadores de tomate que têm título de conde, etc. Mas o sr. Helmut Sick não sabia disso...”<sup>105</sup>

---

<sup>104</sup> “Cantiga Velha de ‘Urubu Malandro””, *O Radical*, 18/4/1942. CFE.T.2.175

<sup>105</sup> Ibid.



Por fim o editorialista faz uma referência ao presídio da Ilha das Flores, onde Sick foi preso primeiro (depois seria transferido para a Ilha Grande).<sup>106</sup> Durante o Estado Novo ambas as ilhas fluminenses eram o destino de parte dos presos políticos, que o autor do texto chama de “pássaros” que tiveram as asas cortadas.<sup>107</sup>

“Uma sugestão: desde que o homem revela mania e preferência pelos pássaros – por que não se lhe dá uma oportunidade de acordo com o seu temperamento? A Ilha das Flores está cheia de ‘pássaros’ aos quais foram cortadas as asas. Quem sabe se o sr. Helmut Sick não se sentiria feliz – em sendo também ‘engaiolado’?”<sup>108</sup>

O tratamento dado a Sick e a Schneider, portanto, mostra a mudança de postura do Brasil perante os cientistas expedicionários alemães após a entrada na Segunda Guerra junto aos Aliados e contra o Eixo, do qual fazia parte a Alemanha. No entanto, como já foi mencionado e será mostrado com mais detalhes no próximo capítulo, mesmo sujeito a influências de alemães que aqui viviam, o CFE mostrou-se rigoroso na concessão de licenças, inclusive no caso das expedições de Schulz-Kampfenkel e de Krieg, antes do rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha.

Os procedimentos do Conselho, portanto, estavam alinhados à política de Getúlio Vargas. Embora o intercâmbio comercial, científico e cultural entre os países continuasse até 1942, a relação se caracterizou por momentos de

---

<sup>106</sup> Gonzaga, 108.

<sup>107</sup> “Cantiga Velha de ‘Urubu Malandro’”, *O Radical*, 18/4/1942. CFE.T.2.175.

<sup>108</sup> *Ibid.*

tensão e de relaxamento, até que a influência alemã passou a ser considerada, definitivamente, um empecilho para o projeto nacionalista de Vargas.<sup>109</sup>

Para se ter uma ideia, em 1938, ano que Perazzo considera um marco da mudança de postura do Brasil perante cidadãos alemães no país,<sup>110</sup> foram lançadas ofensivas contra agentes do partido nazista no país e visando o isolamento cultural das comunidades teuto-brasileiras no Sul. Os fatos culminaram na retirada tanto do embaixador brasileiro de Berlim quanto do alemão do Rio de Janeiro. O conflito, porém, dizia respeito à *Auslandorganisation*, isto é, a organização internacional do partido nazista, pois para os setores diplomáticos, militares e econômicos alemães, esses eram desentendimentos menores em vista das boas relações comerciais entre as duas nações.<sup>111</sup>

Por isso, às vésperas da eclosão da Segunda Guerra, em 1939, houve uma reaproximação e os novos embaixadores assumiram seus postos.<sup>112</sup> Desse modo, Vargas se beneficiou de ambos os lados: conservou as relações comerciais com a Alemanha, enquanto recebia dos Estados Unidos ajuda militar, o financiamento de uma siderúrgica em Volta Redonda, que mais tarde concretizou-se na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN),

---

<sup>109</sup> Hilton, 131.

<sup>110</sup> Perazzo, 22-24.

<sup>111</sup> Hilton, 31.

<sup>112</sup> Ibid.

compras preferenciais de produtos brasileiros e a abertura de negociações para construir bases aéreas no Nordeste.<sup>113</sup>

A situação só mudou drasticamente quando o Brasil entrou na guerra, do lado dos Aliados, em 1942, o que afetou não só os rumos do Brasil no cenário internacional, mas também a vida de milhares de “cidadãos do Eixo”, imigrantes alemães, italianos e japoneses que viviam no Brasil,<sup>114</sup> incluindo dois ornitólogos que naquele momento conduziam missões científicas no Brasil e que teriam suas vidas afetadas para sempre por aqueles fatos.

---

<sup>113</sup> Ibid., 15, 32.

<sup>114</sup> Perazzo, 48, relata que com a entrada do Brasil na Segunda Guerra, alemães eram não só vigiados e detidos, como alguns foram aprisionados em “campos de internamento”.

## **CAPÍTULO 2**

### **OS BASTIDORES DAS EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS ALEMÃS NO BRASIL**

#### **2.1 AS CONEXÕES BRASIL-ALEMANHA NOS PEDIDOS DE AUTORIZAÇÃO PARA EXPEDIÇÕES**

Apesar da chegada dos expedicionários Otto Schulz-Kampfhenkel e Hans Krieg ter sido celebrada por membros influentes das sociedades carioca e paulistana, pelo menos segundo a versão dos jornais da época, a documentação oficial referente a esses pesquisadores mostra que as negociações para autorizar as expedições respectivas tiveram mais nuances do que a imprensa mostrou. Enquanto nos jornais é meramente registrada a presença de personalidades dos campos empresarial e científico nas recepções aos cientistas, a influência que exerceram, ou pelo menos a tentativa de exercê-la, ficam mais evidentes através da análise da documentação oficial. Além disso, a cobertura realizada pelos jornais não dá conta da oposição que o CFE fez, em maior ou menor grau, à concessão de autorização para as expedições.

Da mesma forma, as poucas reportagens referentes a Adolf Schneider e a Helmut Sick não transmitiram, naquele tempo, a dimensão real das expedições deles, que foram autorizadas pelas agências governamentais e instituições científicas brasileiras e cumpriram os acordos pactuados com elas, no caso de Schneider. Já Sick, embora coletasse material zoológico sem a autorização do CFE, entre 1941 e 1942, tinha entrado no Brasil

legalmente e, até onde se sabe, estava no Espírito Santo protelando sua volta à Alemanha, temendo ser convocado para o exército.<sup>115</sup>

Por conta de duas conjunturas políticas distintas – as características dos período até e após 1938, como mencionado no Capítulo 1 do presente trabalho – Schulz-Kampfhenkel e Krieg tiveram sua entrada no interior do país facilitada, ainda que posteriormente descumprissem os acordos assinados. Schneider, por sua vez, realizou os procedimentos legais, mas foi preso e expulso por conta da mudança de posição do Brasil em relação à Alemanha na Segunda Guerra. Também Sick sofreu punição, a prisão, diferentemente de seus compatriotas que vieram ao país antes de 1938 e que também descumpriram acordos.

A análise da documentação oficial referente aos quatro cientistas alemães mostra as influências a que eram submetidos os membros do CFE, inclusive quando os conselheiros desconfiavam da idoneidade dos expedicionários, como foi o caso de Krieg e de Schulz-Kampfhenkel.<sup>116</sup> A documentação oficial mostra que, mesmo com o apoio de uma instituição científica brasileira, o Museu Nacional,<sup>117</sup> a situação internacional fez com que Schneider fosse enviado de volta para a Alemanha. A intervenção de

---

<sup>115</sup> Pacheco & Bauer, 7, afirmam que Sick não retornou ao Rio de Janeiro porque temia ser convocado para lutar pela Alemanha na Segunda Guerra. Em entrevista pouco antes de morrer, Sick afirmou explicitamente que “fugiu para a Serra do Caparaó” quando o Brasil entrou na Segunda Guerra; vide Ribeiro, “Helmut Sick”, 11.

<sup>116</sup> CFE.T.2.100, D21, P1; CFE.T.2.039, 226.

<sup>117</sup> CFE.T.2.097, D13, D15.

Heloisa Alberto Torres em seu favor não teve poder suficiente para mantê-lo no país, uma vez que o Brasil entrou na Segunda Guerra.<sup>118</sup>

### **2.1.1 UM AMIGO EM PROL DO 'INTERCÂMBIO' ENTRE BRASIL E ALEMANHA INTERCEDE POR KRIEG**

Enquanto o vapor *General Artigas* terminava de cruzar o Atlântico, em 1937, trazendo a bordo o zoólogo Krieg, uma carta de 18 de outubro chegava a Paulo de Campos Porto (1889-1968), então diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e presidente do CFE. Num papel timbrado, em que se lê em grandes letras, no alto, o título da revista teuto-brasileira *Intercambio* (Figura 4), Theodoro Heuberger, que de acordo com uma reportagem era “diretor da Sociedade Pró-Arte”,<sup>119</sup> começa mencionando uma ligação que “D. Ophelia do Nascimento, que muito se interessa também pela chegada do meu conhecido: Prof. Dr. Hans Krieg” havia feito a Campos Porto sobre a chegada do cientista alemão.<sup>120</sup>

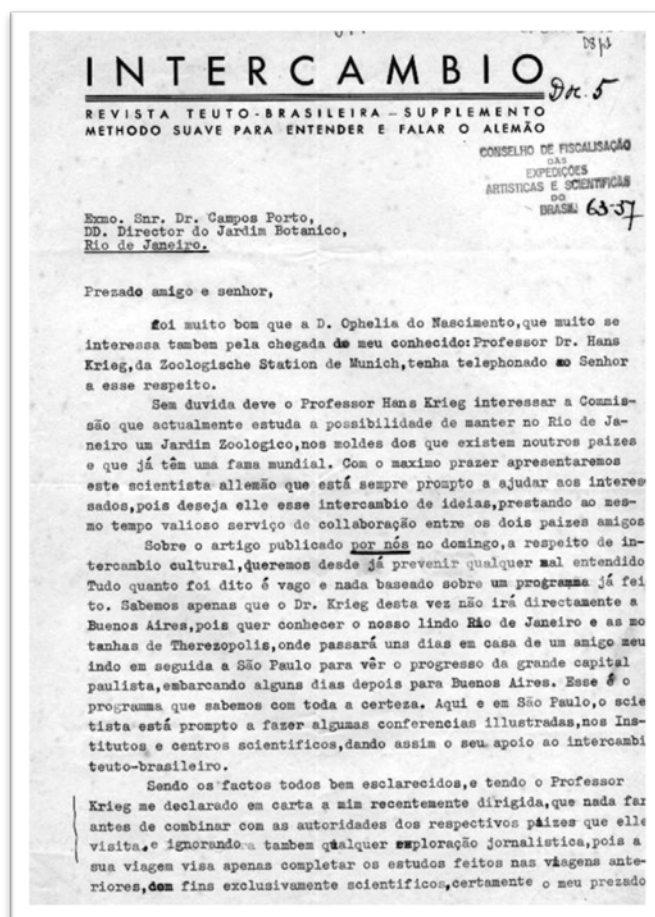
---

<sup>118</sup> Heloisa Alberto Torres (1895-1977) foi uma destacada antropóloga, colaboradora de Edgar Roquette Pinto no Museu Nacional, do qual passaria a ser a diretora entre 1938 e 1955. Vide Museu Nacional, “Heloisa Alberto Torres”, 31-3.

<sup>119</sup> “A Recepção a um Cientista Alemão”, *Gazeta de Notícias*, 23/10/37. CFE.T.2.100, D12 P1. Heuberger assina outra carta, em 3 de outubro de 1938, com o timbre da Pró-Arte, em que se lê em português e alemão “Sociedade de Artes, Letras e Ciências” (CFE.T.100, D32, P1).

<sup>120</sup> CFE.T.2.100, D8, P1.

Figura 4. Carta de Theodoro Heuberger para Paulo de Campos Porto com timbre da revista *Intercambio* e trecho destacado ao final da página.<sup>121</sup>



Depois de explicar as razões e o roteiro da viagem, Heuberger finalmente explica o motivo daquela carta, num trecho destacado pelo destinatário da correspondência:

“Sendo os factos todos bem esclarecidos, e tendo o Professor Krieg me declarado, em carta a mim recentemente dirigida, que nada fará antes de combinar com as autoridades dos respectivos paizes que ele visita, e ignorando tambem qualquer exploração jornalística, pois a sua viagem visa apenas completar

<sup>121</sup> Ibid. Crédito da imagem: Arquivo do CFE – Acervo MAST.

os estudos feitos nas viagens anteriores, de fins exclusivamente científicos, certamente o meu prezado amigo Dr. Campos Porto me ajudará para evitar qualquer aborrecimento na ocasião do desembarque. [...] Estou certo de que com seu valioso interesse, evitaremos as dificuldades que nem de longe nos ocorreram. Ficar-lhe-ei pessoalmente muito grato, pois fui eu que me pus á disposição do meu conhecido de Munich, para tudo que precisasse aqui no Rio.”<sup>122</sup>

Intervenções como a de Heuberger faziam parte da rotina do CFE, conforme relata a pesquisadora M.M.O. Sombrio. O Conselho, segundo ela, estava bastante sujeito a influências externas. Ao analisar a correspondência da conselheira Bertha Lutz, que atuou entre 1939 e 1951 como representante do Museu Nacional no CFE, por exemplo, Sombrio revela uma carta da conselheira a um destinatário estrangeiro em que ela diz que ter um amigo numa sessão do Conselho era mais importante do que o próprio regulamento.<sup>123</sup>

Em se tratando da influência da comunidade alemã no Brasil, àquela altura, não é de surpreender que alguns desses pedidos fossem feitos por imigrantes alemães ou descendentes deles. S. Hilton relata que entre 1934 e 1938, quando o intercâmbio comercial entre Brasil e Alemanha havia dobrado em relação à década anterior, a população germânica no Brasil era “considerável e influente”.<sup>124</sup>

---

<sup>122</sup> Ibid., P1, P2.

<sup>123</sup> Sombrio, “Bertha Lutz”, 77.

<sup>124</sup> Hilton, 40-1



Cerca de 200 mil imigrantes alemães entraram no Brasil entre 1884 e 1941. Apesar de se concentrarem nos estados do sul do país, onde nos anos 30 a proporção de alemães ou descendentes chegava a um a cada quatro brasileiros, no caso de Santa Catarina, no Sudeste os alemães exerciam influência em diferentes áreas como a agricultura, o setor manufatureiro e o comércio de importação e exportação.<sup>125</sup>

No campo científico, a influência alemã também era bastante evidente. Antes mesmo da contratação de professores alemães para os cursos de ciências naturais da USP e do médico Walter Büngeler para uma cadeira na Escola Paulista de Medicina nos anos 1930, instalou-se no país, ainda em 1921, a Chimica Industrial Bayer, que além da importação e fabricação de medicamentos, patrocinava pesquisas nas áreas médica e farmacêutica. O estabelecimento da Bayer no território brasileiro foi uma das ações de aproximação da Alemanha com o Brasil que se intensificaram após o fim da Primeira Guerra. Nessa mesma época, foram criadas, também, revistas e associações científicas, com a participação de cientistas brasileiros e alemães, como já foi mencionado no capítulo anterior.<sup>126</sup>

A abordagem de Heuberger a Campos Porto, dois dias antes da chegada de Krieg, era urgente, pois antes mesmo de aportar no Brasil, o zoólogo já desrespeitava o regulamento do CFE, segundo o qual os pedidos de autorização para expedições deveriam ser feitos com antecedência

---

<sup>125</sup> Ibid.

<sup>126</sup> Sá et. al, 250, observam que o primeiro gerente-técnico da Bayer no Brasil foi Renato Kehl (1889-1974), médico e farmacêutico de ascendência alemã, que passou para a posteridade como um dos organizadores do movimento eugenista brasileiro. A criação dos periódicos era parte da estratégia para a empresa conquistar influência junto ao governo e ao mercado médico brasileiros.

mínima de três meses.<sup>127</sup> Além disso, semanas antes de receber a carta de Heuberger, Campos Porto já sabia das intenções de Krieg e havia solicitado providências à polícia. De fato, no começo daquele mês de outubro, o presidente do CFE explica o que estava ocorrendo em carta reservada ao capitão Filinto Müller, chefe de polícia do Distrito Federal. Campos Porto relata que o Conselho estava ciente da vinda de Krieg e de seu plano de realizar uma expedição, graças a telegramas publicados nos jornais. O presidente do Conselho ressalta:

“Até a presente data o Conselho não recebeu nenhum pedido de licença da referida missão, pedido esse que de acordo com o artigo 9º do Regulamento dêste Conselho deveria ser feito com a antecedencia, no minimo, de tres mezes.

A lei que regula as expedições scientificas no Brasil é bem conhecida do governo allemão que della se tem valido para outros expedicionários.

Assim sendo, venho trazer ao conhecimento de Vossa Excellencia que a referida missão não poderá exercer qualquer actividade no paiz sem que por intermédio do Ministério das Relações Exteriores, como manda a lei, solicite a necessária permissão.

Rogo, pois, a Vossa Excellencia as necessarias providencias, caso possivel, de modo que os referidos expedicionarios sejam scientificados, ao desembarcar, nesse porto, a 20 do corrente, do vapor ‘General Artigas’, que não poderão de forma alguma realizar quaisquer explorações scientificas sem a permissão deste Conselho.”<sup>128</sup>

---

<sup>127</sup> CFE.T.1.01, D25, P2, P3.

<sup>128</sup> CFE.T.2.100, D6, P1, P2.

A resposta da Polícia do Distrito Federal chegou a Campos Porto oito dias após a chegada de Krieg. Em carta também reservada, o diretor geral, Artur Hehl Neiva, afirma que Krieg havia sido informado da necessidade de autorização do CFE para realizar a expedição no instante de seu desembarque, em 20 de outubro, tendo este declarado a intenção de conseguir a licença requerida.<sup>129</sup>

Na sua primeira semana no Brasil, Krieg ministrou palestras e foi recebido em atos solenes, conforme mostram os recortes de jornais analisados no primeiro capítulo. Nesses eventos, era dada como certa a realização da sua expedição, mesmo a autorização não tendo sido dada ainda. O pedido de licença chegou ao CFE em 28 de outubro, embora tivesse sido enviado ao Ministério das Relações Exteriores (MRE) pela embaixada alemã no dia 22. Nela, o ministério pede “a gentileza de habilitar-me a dar, com urgencia, uma resposta á alludida Missão diplomatica”.<sup>130</sup> O MRE solicitava que o CFE se apressasse, mesmo que o prazo de três meses de antecedência para o pedido de licença não tivesse sido respeitado. O Conselho respondeu que precisava das informações solicitadas no Artigo 10º do Decreto 1.016 de 6 de agosto de 1936 para processar o pedido.<sup>131</sup>

---

<sup>129</sup> Ibid., D18, P1.

<sup>130</sup> Ibid., D17, P1.

<sup>131</sup> Ibid., D19. O artigo 10º diz o seguinte: “Do pedido de licença deverá constar, obrigatoriamente: 1º - denominação e nacionalidade da expedição; 2º - nome, nacionalidade e profissão dos expedicionarios; 3º - roteiro, planos e objectivos; 4º - nome do responsável pela expedição e do seu substituto eventual; 5º - duração maxima da expedição; 6º - discriminação da bagagem e armas que transportarem; 7º - designação do posto aduaneiro por onde o materia1 coligido será despachado; 8º - declaração da possibilidade, eventual de sairem do Brasil os expedicionarios por um ponto fronteiro que lhes seja mais conveniente; 9º - declaração de que assumem compromisso de cumprir os codigos e leis em vigor no paiz. Paragrapho unico. O Conselho tomará providencias no sentido de ser obtida immediata,

Em 13 de dezembro, quase dois meses após Krieg desembarcar no Brasil, chegou ao CFE o novo pedido de autorização, dessa vez respondendo às exigências do Artigo 10º. Mesmo declarando que um dos membros da expedição era Eugen Schumacher, “preparador da collecção zoologica no estado de Munich” e de carregarem três espingardas, uma carabina e uma pistola, a embaixada declara que:

“Não se trata de uma ‘expedição’ no sentido propriamente dito, no empreendimento do Prof. Dr. Krieg é mais uma viagem de estudos ás regiões já ha tempos por elle visitadas. Os seus planos e intenções neste sentido, já foram communicados por elle pessoalmente aos seus collegas no Museu Nacional do Rio de Janeiro e Museu Ypiranga em São Paulo.”<sup>132</sup>

O conselheiro Lauro Travassos percebeu a contradição nas informações prestadas e, num parecer de apenas dois parágrafos, após relatar as declarações feitas por Krieg por meio da embaixada alemã, vai direto ao ponto:

“O estilo das informações prestadas suggere a intenção do peticionário se esquivar ás exigencias das leis vigentes. Não havendo interesse para o Paiz em permittir excursões na região em que o referido senhor pretende explorar e não sendo possivel uma fiscalização eficiente por parte do Conselho, pois o material por acaso obtido poderá ser remettido atravez a fronteira com outros paizes, sou de parecer que não deve ser autorizada a

---

isenção de direito do que for considerado de interesse puramente scientifico ou artistico.”  
Vide Brasil, Decreto 1.016 de 6 de agosto de 1936, Art.10º.

<sup>132</sup> CFE.T.2.100, D20A1

expedição sem que possam ser tomadas todas as garantias para a fiscalização.”<sup>133</sup>

O parecer foi assinado pelos outros conselheiros, mas o documento seguinte referente ao caso concede a permissão “apenas para realizar a projetada ‘excursão científica’”, e que caso quisesse coletar material, o zoólogo teria de se sujeitar “a todas as disposições regulamentares”.<sup>134</sup> Como alertado por Travassos e demonstrado anteriormente, Krieg tentaria enviar à Alemanha 399 quilos de material, a maior parte de origem animal, sem autorização de exportação. Sua tentativa foi impedida a tempo na alfândega, a pedido do CFE.

Não há registros no arquivo do CFE do que motivou a concessão da licença para a expedição. A análise de Sombrio acerca da rotina do Conselho, as cartas de Heuberger a Campos Porto e as notícias da recepção calorosa dada a Krieg, porém, fazem supor que a influente comunidade alemã e as pessoas simpáticas a ela agiram nos bastidores para conseguir a autorização. Quanto à exportação do material coletado, porém, o CFE mostrou-se rigoroso, apreendendo o conteúdo da bagagem de Krieg.

---

<sup>133</sup> Ibid., D21, P1.

<sup>134</sup> Ibid., D22.

### 2.1.2 IDAS E VINDAS PARA LICENCIAR A EXPEDIÇÃO SCHULZ-KAMPFHENKEL

Pouco mais de dois anos antes de Krieg, Otto Schulz-Kampfhenkel também evitou o termo ‘expedição’ nos pedidos oficiais ao CFE, embora a palavra aparecesse em quase toda notícia relacionada a ele nos jornais, como visto no capítulo anterior. No primeiro pedido, realizado em 13 de maio de 1935, a Legação da Alemanha tratou sua expedição como “uma viagem de estudos científicos” cujos objetivos eram:

- “1. Experimentar a possibilidade de utilização de um avião de sport para estudos científicos em bacias fluviais equatoriais;
2. Estudos zoológicos por meio de colecções e da observação animal;
3. Estudos geográficos e etnográficos;
4. Produção de filmes culturais.”<sup>135</sup>

Com o desenrolar do processo de autorização, os objetivos declarados acabaram mudando, como veremos adiante. A ida para a região do rio Jari atrasou-se em meses, por conta do plano de levar até o local um hidroavião, trazido desmontado da Alemanha, para sobrevoar a floresta amazônica.<sup>136</sup> Após o primeiro pedido de autorização feito pela Legação da Alemanha, Armando Ribeiro, representante do Serviço Geográfico do Exército no Conselho, respondeu que “tratando-se de vôos no Território Nacional, por

---

<sup>135</sup> CFE.T.2.039, 195.

<sup>136</sup> Ibid.

avião estrangeiro, é imprescindível ser ouvido o Estado Maior do Exército (EME)”<sup>137</sup>.

O primeiro pedido de parecer ao EME foi feito em 5 de junho de 1935.<sup>138</sup> Dez dias depois, sem obter resposta, o CFE enviou nova carta, corrigindo a informação sobre o destino da expedição, que seria apenas nos baixios inferiores do rio Amazonas, e não na bacia superior, como indicado no pedido original.<sup>139</sup> Enviada a primeira resposta do EME em 24 de junho,<sup>140</sup> a troca de correspondência entre os militares e o CFE se estendeu até o dia 13 de agosto. O Conselho afirmou que o parecer dado pelo EME se referia ao pedido original, sobre a bacia superior do Amazonas e não ao segundo, em que se restringiu o destino da expedição aos baixios inferiores do rio.<sup>141</sup>

Nesse ínterim, a comitiva de Schulz-Kampfhenkel desembarcou em Belém. O delegado do CFE no Pará, Carlos Estevão de Oliveira, foi avisado por telegrama enviado por Campos Porto de que os expedicionários não estavam licenciados, pois o Conselho ainda dependia do parecer do Estado Maior do Exército.<sup>142</sup> Em 20 de julho os militares deram uma nova resposta ao CFE, que seria retificada posteriormente:

“O Estado Maior do Exército é de parecer que não haverá inconveniente em ser concedida a permissão solicitada, desde

---

<sup>137</sup> Ibid., 196.

<sup>138</sup> Ibid., 204.

<sup>139</sup> Ibid., 206.

<sup>140</sup> Ibid., 208-10.

<sup>141</sup> Ibid., 211-4.

<sup>142</sup> Ibid., 215.

que viaje a bordo da aeronave um observador militar com instruções do Estado Maior do Exército.”<sup>143</sup>

Não era a resposta que os alemães esperavam, pois a Legação da Alemanha logo após respondeu diretamente ao EME, sem passar pelo Ministério das Relações Exteriores nem pelo CFE. No documento, deixa-se de mencionar os estudos geográficos e a coleta de animais que haviam sido declarados no primeiro pedido. A carta de 12 de agosto, quase três meses após a primeira comunicação com as autoridades brasileiras sobre Schulz-Kampfhenkel, afirma:

“Os objetivos da viagem são exclusivamente estudos zoológicos e a observação da fauna tropical no seu ‘habitat’, com preferencia dos mamíferos, amphibios e reptis, portanto, inteiramente longe das zonas povoadas ou que interessem à segurança da defesa nacional.”<sup>144</sup>

Sobre o avião, o ministro alemão Schmidt-Ilskop, que assina o documento, declara que se tratava de uma aeronave de apenas dois lugares e que durante a viagem estaria sempre ocupada por um dos zoólogos, como piloto (Schulz-Kampfhenkel ou Gerd Kahle), e o mecânico Gerhard Krause. Portanto:

“Parece, outrossim, que a um oficial seria um sacrificio permanecer durante o tempo da expedição em companhia dos

---

<sup>143</sup> Ibid., 224.

<sup>144</sup> Ibid., 232.



exploradores, correndo os riscos de toda sorte que a inhospitalidade da região proporciona.

Tratando-se de zona absolutamente selvagem, de sertão deshabitado não interessaria às autoridades brasileiras ter ahi presente u seu representante militar. Seria um sacrificio demasiado grande que os interessados não se julgam no direito de pleitear, muito embora sua presença só pudesse constituir-lhes motivo de satisfacção e mesmo grande interesse para o bom termo do seu empreendimento.”<sup>145</sup>

Baseado nesse documento, o EME concedeu a autorização, em carta endereçada ao CFE, exigindo apenas que o avião não sobrevoasse “as zonas interdictas de BELÉM e OBIDOS”, a entrega de cópias dos filmes e fotos aéreas produzidos, que não se atingisse a faixa de 100 quilômetros da fronteira e, por fim, “manter[-se] o devido respeito e benevolencia aos selvícolas da região”.<sup>146</sup>

A conselheira Heloisa Alberto Torres, representante do Museu Nacional no CFE, impôs restrições à ação da expedição, em parte pela falta de credenciais acadêmicas de seus membros.<sup>147</sup> Naquele momento, o CFE era um órgão novo, criado apenas dois anos antes, e ainda buscava ser reconhecido pelos naturalistas estrangeiros que vinham realizar seu trabalho no país.<sup>148</sup> Além disso, segundo Sombrio, o Museu Nacional buscava hegemonia e a manutenção de seu status como principal instituto científico

---

<sup>145</sup> Ibid., 233.

<sup>146</sup> Ibid., 230-1.

<sup>147</sup> Ibid., 226.

<sup>148</sup> A afirmação de Sombrio, 107, refere-se a um período posterior, entre 1939-1940. No entanto, sendo que após seis anos de existência o CFE ainda buscava seu espaço, pode-se inferir que essa busca já ocorria em 1935, quando era ainda mais novo.

oficial do país, sendo Heloísa Alberto Torres a sua interlocutora nessa luta.<sup>149</sup> Numa folha solta, sem destinatário nem cabeçalho, mas com a assinatura de Torres e, logo abaixo, a de Lauro Travassos, membro do CFE como representante do Departamento Nacional de Produção Animal, são impostas as condições para a expedição:<sup>150</sup>

“Considerando que:

- a) os requerentes não apresentam título científico algum que os qualifique;
- b) a delimitação do território a percorrer é vaga;
- c) os grupos indígenas a visitar não são especificados;
- d) a aproximação de estranhos a grupos indígenas pode apresentar inconvenientes;
- e) esses inconvenientes, às vezes momentâneos, podem escapar ao conhecimento do conselho;

entendo:

- a) que aos requerentes só seja permitida a visita a grupos indígenas a critério do delegado do Conselho no Pará, Dr. Carlos Estevão de Oliveira que, a todos os títulos, se acha em condições de deliberar a respeito;
- b) que a exportação do material paleontológico, etnográfico ou antropológico coligido pelos expedicionários seja resolvida depois da excursão, a critério do Governo Brasileiro, representado pelo

---

<sup>149</sup> Ibid., 80.

<sup>150</sup> Supõe-se que o documento tenha sido redigido por H.A. Torres, pelo menos a parte referente ao contato com grupos indígenas, pois antropologia e etnografia eram suas especialidades e cabia a ela analisar os pedidos de expedição relativos a esse campo; vide Museu Nacional, “Heloisa Alberto Torres”, 31-3.

delegado do Conselho no Pará, que receberá instruções a respeito.”<sup>151</sup>

Por fim, em 21 de agosto, Menezes de Oliva, vice-presidente no exercício da presidência do Conselho, transmitiu ao ministro da Agricultura, a quem o CFE respondia, a última autorização do EME. O CFE, no entanto, reitera que “quanto às deliberações do Conselho, no que diz respeito á fiscalização dos trabalhos por parte do tecnico designado pelo mesmo Conselho, estas em nada foram alteradas”.<sup>152</sup> O representante do CFE se referia ao decreto nº 22.698, de 11 de maio de 1933, mais especificamente ao artigo 3º, que diz que “as missões devidamente autorizadas serão sempre acompanhadas por expedicionários brasileiros, designados pelo Govêrno, de conformidade com a natureza e os fins da expedição”.<sup>153</sup>

Novamente, os alemães tentaram se esquivar das exigências legais. Entrou em cena Oscar Argollo, secretário geral da Câmara de Comércio e Indústria do Brasil. Uma semana após o ofício de Menezes de Oliva comunicando a autorização do voo pelo Estado Maior do Exército, mas insistindo na necessidade da presença de um técnico brasileiro para realizar a fiscalização *in loco* da expedição, era lavrada procuração em que Schulz-Kampfhenkel, “alemão, solteiro, estudante e aviador”, constituía Argollo seu procurador, “conferindo-lhe poderes para represental-o perante quaisquer

---

<sup>151</sup> CFE.T.2.039, 226.

<sup>152</sup> *Ibid.*, 243.

<sup>153</sup> Brasil, Decreto nº 22.698, de 11 de Maio de 1933, Art. 3º.

Ministerios e Repartições Publicas federaes e municipal, e Estadoaes, e Secretarias e quaisquer dependencias do Governo no territorio nacional”.<sup>154</sup>

Uma coluna de jornal, daquele mesmo 28 de agosto de 1935 em que era firmada a procuração, registrava a reunião do Conselho Deliberativo da Câmara de Comércio e Indústria ocorrida recentemente. Os últimos dois parágrafos do relato da sessão daquele dia tratam da indicação de Schulz-Kampfhenkel como “membro correspondente” da entidade enquanto permanecesse no Brasil. Segundo a nota, durante a sessão foi lida uma carta em que Schulz-Kampfhenkel agradecia as informações prestadas pela entidade sobre a região do Jari, “especialmente pelo director-secretario, dr. Oscar Argollo, profundo conhecedor do assumpto”.<sup>155</sup>

As informações fornecidas e a indicação como membro correspondente não foram os únicos gestos de gentileza de Argollo com Schulz-Kampfhenkel. Em 4 de setembro de 1935 fez jus ao papel de procurador do explorador-aviador alemão para pedir facilidades ao CFE. A justificativa era que a expedição não se tratava de uma “missão científica”, e por isso pedia “dispensa das formalidades exigidas pela lei”<sup>156</sup> (Figura 5).

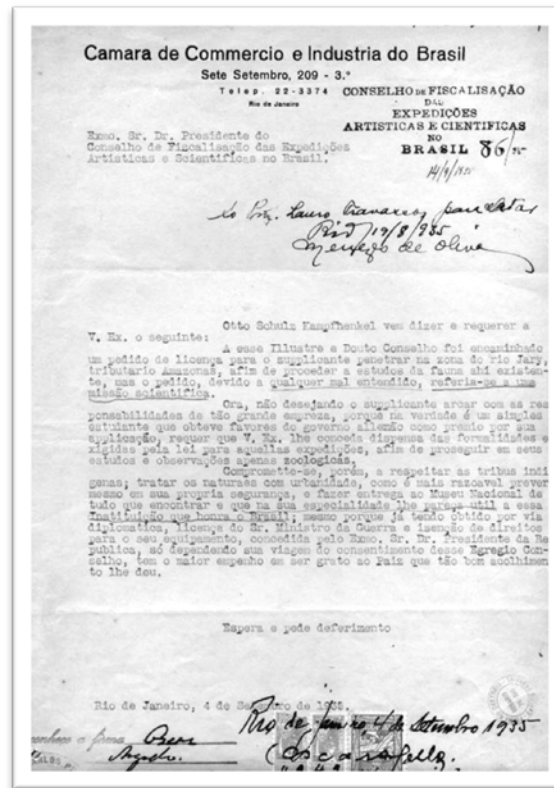
---

<sup>154</sup> Ibid., 255.

<sup>155</sup> “Camara de Commercio e Industria do Brasil”, *Diario de Noticias*, 28/8/1935. CFE.T.039, 257.

<sup>156</sup> CFE.T.2.039, 260.

Figura 5. Carta de Oscar Argollo ao CFE pedindo “dispensa das formalidades exigidas pela lei” para a expedição de Schulz-Kampfhenkel.<sup>157</sup>



“Otto Schulz Kampfhenkel vem dizer e requerer a V. Ex. o seguinte:

A esse Illustre e Douto Conselho foi encaminhado um pedido de licença para o supplicante penetrar na zona do rio Jary, tributario Amazonas, afim de proceder a estudos da fauna ahi existente, mas o pedido, devido a qualquer mal entendido, referia-se a uma missão scientifica.

Ora, não desejando o supplicante arcar com as responsabilidades de tão grande empreza, porque na verdade é um simples estudante que obteve favores do governo allemão como premio por sua applicação, requer que V. Ex. lhe conceda dispensa das formalidades exigidas pela lei para aquellas

<sup>157</sup> Ibid. Crédito da imagem: Arquivo do CFE – Acervo MAST.

expedições, afim de prosseguir em seus estudos e observações apenas zoológicas.

Compromete-se, porém, a respeitar as tribos indígenas; tratar os nativos com urbanidade, como é mais razoável prever, mesmo em sua própria segurança, e fazer a entrega ao Museu Nacional de tudo que encontrar e que na sua especialidade lhe pareça útil a essa Instituição que honra o Brasil; mesmo porque já tendo obtido por via diplomática, licença do Sr. Ministro da Guerra e insenção de direitos para o seu equipamento, concedida pelo Exmo. Sr. Dr. Presidente da República, só dependendo sua viagem do consentimento desse Egregio Conselho, tem o maior empenho em ser grato ao País que tão bom acolhimento lhe deu.”<sup>158</sup>

Entre meados e o final da década de 1930, o intercâmbio comercial entre o Brasil e a Alemanha era o dobro em relação à década anterior, como já foi mencionado neste capítulo. Os produtores brasileiros, àquela altura, eram os principais fornecedores de café e algodão para os alemães. A Alemanha, por sua vez, substituíra os Estados Unidos como principal fornecedor do Brasil.<sup>159</sup> É plausível, portanto, inferir que o apoio do órgão que representava os interesses do comércio e da indústria dava a Schulz-Kampfenkel trânsito entre pessoas influentes que poderiam facilitar a realização de sua expedição.

No entanto, a carta do amigo industrial parece mais ter atrapalhado do que ajudado Schulz-Kampfenkel. Ao relatar o conteúdo da correspondência ao presidente do CFE, o conselheiro Lauro Travassos, que três anos depois

---

<sup>158</sup> Ibid. Os grifos são do original.

<sup>159</sup> Hilton, 40.

ofereceria o patrocínio do Instituto Oswaldo Cruz para que Adolf Schneider realizasse uma expedição ao Espírito Santo, como será visto adiante, recomendou que se negasse a licença. Numa carta de duas páginas dirigida a Campos Porto, descreve as contradições no conjunto de informações prestadas por Schulz-Kampfenkel, pela Legação da Alemanha e por seu procurador no Brasil:

“Como fica claro [...], não se trata de uma missão científica e apenas de uma excursão premio, para a qual o requerente traz uma aparelhagem que fará inveja às maiores Instituições científicas do mundo – um hidro-avião.

O requerente confirma a ausência de qualquer credencial científica que possua, além de ser um estudante aplicado.

Além disso, existe um antagonismo, difícil de explicar, entre o seu primeiro requerimento e o atual.

Lembro a V.S. que cientistas estrangeiros, portadores de reais credenciais científicas, que ultimamente têm visitado o nosso país, encontraram todas as facilidades possíveis por parte de nossas autoridades [...]

Assim sendo, trata-se de uma mera viagem esportiva, sem objetivo científico, pelo que sobram razões para não serem concedidas as vantagens pedidas pelo requerente.”<sup>160</sup>

Um nova carta da Legação da Alemanha ao CFE reclama de que os expedicionários tinham sido impedidos de continuar a viagem, porque não havia entre eles um fiscal do CFE. O ministro alemão alega que a obrigatoriedade do técnico brasileiro havia sido dispensada pelas autoridades, misturando a figura do observador militar, realmente

---

<sup>160</sup> CFE.T.2.039, 262-3. Os grifos são do original.

dispensado, com a do fiscal do CFE, de cuja presença na expedição os conselheiros não abriram mão.<sup>161</sup>

O conselheiro Flexa Ribeiro, ao enviar seu parecer sobre a carta do ministro alemão para o presidente do CFE, relata em quatro páginas as “diversas peripecias porque tem passado aquelle pedido de licença”, desde o pedido feito em cima da hora, a falta de credenciais acadêmicas dos expedicionários, a mudança do destino da expedição (primeiro o alto da bacia do Amazonas e depois apenas os “baixios inferiores” desta) até o pedido de dispensa do observador militar. O conselheiro conclui:

“O Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas só deseja facilitar os estudos dos especialistas estrangeiros, no territorio do paiz, mas dentro da lei brasileira. Semelhante regimen já tem sido, vezes varias, demonstrado com evidente testemunho do espirito de cooperação internacional em beneficio da sciencia.

Só dentro dessa ordem regente poderá ser conferida licença, uma vez satisfeitas as formalidades essenciais da lei brasileira que assegura os interesses vivos do paiz.”<sup>162</sup>

Em menos de 20 dias, no entanto, o CFE teria de rever sua decisão. Naquele curto espaço de tempo, a expedição Schulz-Kampfhenkel passara de uma “méra viagem esportiva, sem objetivo científico” a uma expedição patrocinada por um grande instituto científico alemão e outro brasileiro. Diante da carta que chegaria ao Conselho em 25 de outubro de 1935,

---

<sup>161</sup> Ibid., D49.

<sup>162</sup> Ibid., 277-80.



assinada pelo diretor do Museu Nacional, Alberto Betim Paes Leme, não havia argumento para negar a autorização:

“Senhor Presidente

Venho comunicar a V. S. que por intermédio da Legação da Alemanha, o Kaiser Wilhelm Institut fuer Biologie de Berlin-Dahlem, assumiu o patrocínio da excursão ao Brasil do Snr. Schulz-Kampfhenkel e solicitou do Museu Nacional que por seu lado fizesse outro tanto.

Attendendo ao pedido do Instituto sob a direcção do illustre Prof. Wettstein a Directoria do Museu Nacional resolveu patrocinar a referida expedição e solicita a V. S. queira tomar as medidas que a lei estabelece para o caso.

O Snr. Schulz-Kampfhenkel entregará ao Museu Nacional o material científico recolhido durante a sua viagem em retribuição ao apoio que este estabelecimento lhe presta.”<sup>163</sup>

Após quase seis meses de negociações, em 29 de outubro de 1935, o CFE expediu a licença para a expedição. Com ela, pedia que “todas as autoridades federais, estaduais e municipais, bem como a todas as pessoas a quem este documento fôr apresentado” prestassem “toda a assistência ao seu alcance para o bom desempenho de sua missão”. No documento seguia ainda a transcrição dos artigos 18º e 20º do regulamento, dispondo sobre a necessidade de arrolamento de todo o material para que fosse emitida a guia de exportação e que as duplicatas ficassem no país. Como se não fosse suficiente, além da transcrição dos artigos do regulamento, uma observação

---

<sup>163</sup> Ibid., 286-7.

indicava que “os expedicionários deverão entregar ao Museu Nacional do Rio de Janeiro todo o material científico recolhido durante a viagem”.<sup>164</sup>

O aviso, tantas vezes reiterado, não seria suficiente. Finda a expedição, em julho de 1936, Schulz-Kampfhenkel pediu autorização para levar todo o material zoológico coletado à Alemanha, e não só aquele que estivesse em duplicata, como ditava o regulamento do CFE. Na sua resposta, Campos Porto afirma que o Conselho não poderia “acquiescer no que pede o citado expedicionário, visto como constituiria uma exceção à lei e contrariaria a jurisprudência já firmada em casos análogos”. Porém, argumenta, por ter sido um empreendimento patrocinado pelo Museu Nacional, e “sob os auspícios do ‘Kaiser Wilhelm Institut für Biologie’”, poderia consentir a saída do material, desde que o diretor do instituto alemão se comprometesse a devolver os exemplares únicos.<sup>165</sup>

### **2.1.3 SCHNEIDER FAZ ALIADOS NO CFE, MAS SICK FICA ISOLADO NO ESPÍRITO SANTO**

A conexão de Adolf Schneider com as autoridades brasileiras era seu genro, Alberto Kehl, representante dos microscópios Leitz no país, que tinha contato próximo com cientistas como Lauro Travassos, pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz e representante do Departamento Nacional de Produção Animal no CFE.<sup>166</sup> Por isso, o primeiro pedido de autorização para

---

<sup>164</sup> Ibid., 290.

<sup>165</sup> Ibid., 326-7.

<sup>166</sup> Pacheco & Bauer, 3.

a expedição, em 2 de dezembro de 1937, foi feito diretamente a Travassos.<sup>167</sup> O diretor do Museu da Universidade de Berlim, N. Eric Groesemann, reforçou o pedido em carta do dia seguinte ao diretor do Museu Nacional, Alberto Betim Paes Leme, solicitando, ainda, patrocínio brasileiro para a expedição.<sup>168</sup> A solicitação somente foi encaminhada ao CFE em 6 de janeiro.

Heloisa Alberto Torres, então diretora em exercício do Museu Nacional, só deu parecer sobre a viagem em março, desculpando-se pelo atraso e justificando-o pelo fato do zoólogo Miranda Ribeiro, da Seção de Zoologia do Museu, não ter respondido sobre a idoneidade de Schneider e o interesse que a expedição poderia ter para a instituição, como havia sido solicitado. Afirma que tinha resolvido decidir sobre o assunto mesmo “desamparada daquelas informações” e conforme lhe pareceu mais conveniente:

“Assim julgo [meu] dever declarar que o Museu Nacional não mais patrocinará expedições científicas a se realizarem no Brasil por considerar que as atividades de patrocínio frequentemente se encontram em conflito com as de fiscalização que ele também é obrigado a exercer sobre as expedições por meio do representante que tem no Conselho de Fiscalização.”<sup>169</sup>

A resolução de Torres adiou os planos de Schneider. Na ocasião, porém, Lauro Travassos ofereceu-lhe o patrocínio do Instituto Oswaldo Cruz,

---

<sup>167</sup> CFE.T.097, D1, P1.

<sup>168</sup> Ibid., D2, A1, P1.

<sup>169</sup> Ibid., D3, P1, P2.

do qual era pesquisador, para uma expedição no ano seguinte,<sup>170</sup> em troca de todo material parasitológico coletado.<sup>171</sup> Dessa vez, com a garantia do patrocínio, Schneider encaminhou novo pedido ao CFE, por meio do Ministério das Relações Exteriores, em abril de 1939, para uma expedição de seis meses de duração. Agora ele incluía, como membros da expedição, sua esposa, Margarete, e Helmut Sick, ambos como assistentes.<sup>172</sup> Segundo J.F. Pacheco e C. Bauer, Margarete teria concluído o curso de taxidermia, ministrado no próprio Museu de Berlim, pouco tempo antes da viagem, a fim de acompanhar o marido em caráter oficial. Sick, que concluíra seu doutorado dois anos antes, havia sido recomendado por Erwin Streseman, seu orientador, então diretor do museu berlinense.<sup>173</sup>

Travassos recomendou que se autorizasse a expedição e ainda garantiu ao presidente do CFE o patrocínio do Instituto Oswaldo Cruz.<sup>174</sup> A licença para a expedição foi concedida em 12 de julho de 1939, menos de dois meses antes de ser declarada a Segunda Guerra Mundial, em 1º de setembro.

Em 1941, quando já tinha realizado essa expedição e não podendo voltar para a Alemanha por conta da guerra, Schneider recebeu o apoio de Torres, já diretora do Museu Nacional, que não só o abrigou na instituição, onde ele reorganizou a coleção de aves,<sup>175</sup> como também patrocinou uma

---

<sup>170</sup> Ibid., D5.

<sup>171</sup> Ibid., D7.

<sup>172</sup> Ibid., D6.

<sup>173</sup> Pacheco & Bauer, 4.

<sup>174</sup> CFE.T.2.097, D7.

<sup>175</sup> Ibid., D10, P1.

segunda expedição, contrariando a sua própria resolução de não mais apoiar financeiramente excursões desse tipo.<sup>176</sup>

Atuando oficialmente em nome do Museu Nacional, não foi difícil para Schneider conseguir autorização para uma nova viagem, dessa vez sem a participação de Sick, que permaneceu no Espírito Santo por conta própria. Seu pedido, no entanto, fez com que se jogasse luz sobre o fato de que Sick estava, desde julho de 1940, trabalhando de forma “independente” naquele Estado. Schneider forneceu, inclusive, seu endereço.<sup>177</sup>

Enquanto os problemas de Schneider terminavam por ora, até o Brasil romper relações diplomáticas com a Alemanha e ele ser preso e expulso do país, Sick apenas começava a ter dificuldades com as autoridades brasileiras. Depois do aviso de Schneider, que afirmou ainda ao CFE ter avisado a Sick da necessidade da autorização do CFE,<sup>178</sup> o Conselho mandou que seu delegado no Espírito Santo fosse informado dos fatos, a fim de fazer chegar “com urgência” ao conhecimento de Sick que suas atividades na região eram irregulares e deviam “cessar, imediatamente, sob penas cominadas em lei”.<sup>179</sup>

Correspondência em alemão apreendida junto a Sick, remetida de São Paulo a um pastor luterano também alemão, deixa evidente que o ornitólogo tinha conexões com membros da comunidade teuto-brasileira.<sup>180</sup> A região

---

<sup>176</sup> Ibid., D13, D15.

<sup>177</sup> Ibid., D10, P1.

<sup>178</sup> Ibid.

<sup>179</sup> Ibid., D11.

<sup>180</sup> CFE.T.2.175, AD1, P278-9; como mostra a carta que menciona Sick endereçada ao “Pastor Fr. Fuchshuber”, com papel timbrado, onde se lê “Dr. Willmar Schwabe Ltda.

onde se encontrava, inclusive, uma grande comunidade alemã.<sup>181</sup> No entanto, o fato de nenhum deles ter intercedido a seu favor, pelo menos no que consta no arquivo do CFE, mostra que as pessoas que Sick conhecia no Brasil não eram tão influentes como as que apoiaram inicialmente Schneider, Krieg e Schulz-Kampfhenkel. De fato, o religioso que o abrigava foi preso logo depois de Sick, como parte da política brasileira em relação aos membros de comunidades de “súditos do Eixo” após 1942.<sup>182</sup>

Em 27 de janeiro de 1941, o presidente do CFE assinou carta em que solicitava a Sick encaminhar um pedido de licença a fim de regularizar sua situação. Francisco de Assis Iglesias, que assumira a presidência do órgão apenas duas semanas depois da concessão da licença para a expedição de Schneider de 1939, da qual Sick participou, alertava:

“Chamo a vossa atenção para o § 1º do art. 5º do Regulamento do Conselho, do seguinte teor: ‘Será apreendido todo o material encontrado em poder de expedições ou expedicionários, coletores ou pesquisadores, que não estiverem legalmente licenciados’.”<sup>183</sup>

O pedido, via Ministério das Relações Exteriores, chegou ao CFE no mês seguinte. Diz o documento que Sick pedia autorização para uma viagem de “estudos ornitológicos ao Pico da Bandeira”. Após mencionar a

---

Farmacia e Laboratorio de Homeopatia e Bioquímica. Casa Matriz em Leipzig – Alemanha” em português, mesma cidade de Sick. O pastor luterano, em cuja casa Sick ficou hospedado por cerca de um ano, era Friedrich Leonhard Fuckshuber, que foi preso logo depois, “como todos os pastores”; Port, *Itarana*, 84.

<sup>181</sup> Port, 80-7.

<sup>182</sup> Perazzo, 48.

<sup>183</sup> CFE.T.2.175, D1.

expedição de 1939, em que o cientista foi assistente de Schneider, a carta afirma que Sick dessa vez queria realizar a viagem sozinho, “pretendendo, terminada a guerra européia, levar o material colecionado, de acordo com esse Conselho e o Instituto Oswaldo Cruz, para o Museu Zoológico da Universidade de Berlim”.<sup>184</sup>

Uma carta do Conselho de Pesquisas Alemão (*Reichsforschungsrat*) reforça que o trabalho “puramente científico” era financiado pela instituição, tendo sido informada por Sick que até então “pode continuar e executar, felizmente, a sua incumbência de investigar, com o amplo apoio do Serviço Publico do Brasil”:<sup>185</sup>

“Como o Dr. Sick ainda não encerrou os seus trabalhos científicos, proponho por este meio [...] permitir que o mesmo continue as suas atividades científicas no Brasil.

Rogo não seja limitado o tempo desses auxilios, pois existem atualmente razões faceis de compreender esse meu pedido, em vista da impossibilidade de enviar qualquer auxilio no momento, até que o Dr. Sick possa concluir os seus trabalhos científicos e voltar à sua Patria.”<sup>186</sup>

Em seu parecer para o caso, dividido em oito itens, o conselheiro Mário de Oliveira faz um preâmbulo nos três primeiros, para a partir do quarto relatar os fatos que definiram o destino de Sick a partir dali. Segundo Oliveira, solicitada a opinião da Divisão de Caça e Pesca, esta opinou, em telegrama transcrito por ele, que não se opunha aos planos de Sick, “uma

---

<sup>184</sup> Ibid., D1.

<sup>185</sup> Ibid., D8, A1, P1.

<sup>186</sup> Ibid.

vez que o mesmo coletará material para Museu Nacional e não mais sob sua responsabilidade como declarou” e que já tinha obtido permissão especial para o empreendimento. Portanto, continua Oliveira, o destino do material havia mudado, e agora seria o Museu Nacional.<sup>187</sup>

Ao investigar a origem da nova resolução, Oliveira relata ter encontrado em ofícios enviados pelo Museu à Divisão de Caça e Pesca de que o ornitólogo alemão estava encarregado pelo Museu Nacional de coletar material zoológico no Espírito Santo e que o colecionaria “unicamente” para a instituição brasileira. Por esses fatos, ele justifica seu parecer:

“7 - Não são necessarias maiores considerações em torno do assunto para evidenciar que algo de anormal se passa. De uma parte o requerente diz a este Conselho que o material que vae colher será remetido para a Alemanha, de outra parte, verifica-se através de correspondência oficial, que o Sr. Sick colecionará exclusivamente para uma instituição nacional.

8 - Em vista da evidente incoerencia que se depreende das informações colhidas e acima citadas, sou de parecer que seja negada a licença.”<sup>188</sup>

A negativa do CFE não impediu que mais de seis meses depois, Sick obtivesse autorização da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) para viajar (Figura 6).

---

<sup>187</sup> Ibid., D19, P1.

<sup>188</sup> Ibid., P1, P2.



Figura 6. Autorização emitida pela Delegacia de Ordem Política e Social para Sick viajar, emitida em fevereiro de 1942.<sup>189</sup>



Coincidência ou não, pouco tempo depois o presidente do CFE relata ao ministro da Agricultura as medidas tomadas pelo Conselho em relação à “situação irregular em que foi encontrado o estrangeiro de nacionalidade alemã”, após ter sido negado, no ano anterior, seu pedido de licença para realizar uma expedição. Sick havia sido preso.<sup>190</sup>

Paes Leme continua explicando que “recentemente” chegara ao seu conhecimento que o ornitólogo estaria realizando uma expedição no Espírito Santo. Embora não especificasse a data em que foi informado do paradeiro de Sick, afirma que após telegrafar ao interventor federal no Estado para que

<sup>189</sup> Ibid., D21, P1. Crédito da imagem: Arquivo do CFE – Acervo MAST.

<sup>190</sup> Ibid., D25, P1.

apurasse o caso, obteve resposta positiva no dia 6 daquele mês de março, portanto, pouco mais de um mês após o alemão ter obtido o salvo-conduto do DOPS. Como era previsto no Regulamento do CFE, o material foi apreendido após a autoridade local ‘sustar’ a expedição.<sup>191</sup>

“[O interventor federal c]onsultou também si devia apresentar Helmut Sick a este Conselho, visto não constar na Polícia que tenha ele outra missão no Estado do Espírito Santo.

Em resposta, solicitei que o material apreendido fosse enviado à sede deste Conselho e que o sr. Helmut Sick ficasse mantido sob vigilância, até ser tomada decisão ulterior, pelo Governo, em face do abuso praticado conscientemente por um estrangeiro que, pretendendo burlar a fiscalização exercida por este Conselho, desrespeitou as leis do paiz.”<sup>192</sup>

O “súdito alemão” Helmut Sick “foi detido pela polícia do Espírito Santo na zona colonial germânica de Sta. Tereza, naquele Estado” e enviado ao Rio de Janeiro.<sup>193</sup> Fora encaminhado para a Delegacia de Estrangeiros, pois os seus papéis, “inclusive passaporte, não se achavam em ordem”.<sup>194</sup> O material zoológico apreendido com ele e seus cadernos de campo foram incorporados ao acervo do Museu Nacional,<sup>195</sup> do qual seria professor titular décadas depois, de 1960 a 1980.<sup>196</sup>

---

<sup>191</sup> CFE.T.2175, D25, P1.

<sup>192</sup> Ibid., P2.

<sup>193</sup> Ibid., D29, P1.

<sup>194</sup> Ibid., P2.

<sup>195</sup> Ibid., D34, P1, A1P1; D58.

<sup>196</sup> Gonzaga, 110.

Num documento de seu arquivo pessoal, também depositado no MAST mas ainda não catalogado, Sick declara que teve apoio do Museu Nacional para realizar a expedição, na qual “usufruiu a interessante e proveitosa colaboração dêsse conhecido instituto brasileiro, graças ao gentil acolhimento que teve por parte de sua diretora Dra. Heloisa Alberto Torres”.<sup>197</sup>

Apesar desse relato, de 1945, e da informação colhida pelo CFE em 1942, no sentido de que o Museu Nacional teria se responsabilizado pela expedição junto ao Departamento de Caça e Pesca, nada consta no arquivo do CFE referente a qualquer apoio por parte do Museu Nacional a uma expedição de Sick nessa época. Tampouco há nos arquivos do CFE notícia do que teria ocorrido com ele após a prisão. No documento do acervo pessoal, porém, Sick relata que permaneceu preso de março de 1942 a dezembro de 1944, primeiro na Ilha das Flores e depois na Ilha Grande.

Numa entrevista concedida pouco antes de morrer, em que toda a história da sua chegada ao Brasil e o tempo passado na prisão são resumidos em uma coluna, Sick, com 80 anos e ainda ativo na atualização de sua obra de referência, *Ornitologia Brasileira*, confundiu o início da Segunda Guerra, iniciada dois meses após sua chegada ao Brasil, com a entrada do país no conflito, justamente no ano em que ele foi preso, 1942. Como é o único personagem dentre os alemães citados neste trabalho a deixar um registro pessoal daqueles tempos, encerramos esse capítulo com a sua versão:

---

<sup>197</sup> MAST, HS, CX2.

“P[ergunta] – O que trouxe o Sr. para o Brasil?

**HS** – Foi uma expedição científica do Museu de Berlim. Em 39, dois anos depois de eu me formar, me ofereceram uma expedição de três meses para o Brasil. Acontece que dois meses depois o Brasil entrou na guerra contra a Alemanha e eu fiquei numa situação muito difícil. A polícia foi atrás de mim. Diziam: ‘Esse sujeito diz que observa passarinho, nada disso, ele é um espião muito perigoso, um espião desgraçado, né?’. Então fugi para a serra do Caparaó, que era totalmente desconhecida. Depois, já no Espírito Santo, eles me pegaram e botaram por três anos na ilha Grande, junto com aquele pessoal mais miserável daqui da Lapa. Foi uma grande preocupação para mim estar ali preso, querendo fazer alguma coisa e atrás do xadrez, né? Então comecei a trabalhar sistematicamente sobre cupim até que consegui uma tremenda coleção, com 24 espécies das quais 11 eram novas. Eu não pude trabalhar sobre aves, mas assim mesmo fiz um serviço muito útil à Ciência.”<sup>198</sup>

---

<sup>198</sup> Ribeiro, “Helmut Sick”, 11. A reprodução das páginas da entrevista, concedida a *O Charão*, extinto boletim informativo do Clube de Observadores de Aves, foi enviada a André Gomes Julião pelo renomado fotógrafo de vida selvagem, Luiz Claudio Marigo, que conviveu com Sick, editou a obra *Tukani* no Brasil e tinha cópia todas as edições do boletim. Curiosamente, assim como Sick, que morreu oito meses depois de publicada a entrevista, também Marigo faleceu pouco mais de um ano depois de enviar as três páginas digitalizadas da entrevista a Julião.

## CONCLUSÕES

Apesar de 1938 ser considerado um marco na mudança do tratamento que o Brasil dava aos alemães, antes mesmo dos dois países romperem relações diplomáticas, a análise das expedições científicas antes e depois daquele ano mostra que, no campo científico, a repressão aos expedicionários alemães no Brasil começou em 1942, com a declaração de guerra do Brasil ao Eixo.

Hans Krieg, apesar de todas as facilidades que obteve para realizar sua viagem de estudos pelo interior do Brasil em 1937, teve problemas com as autoridades em 1938, quando tentou exportar o material zoológico que coletara para a Alemanha. O tratamento dispensado a ele nesse momento, porém, parece ter resultado do claro desrespeito às leis nacionais que o próprio Krieg se comprometera a acatar, e não por conta da política em relação aos estrangeiros. Além disso, nem ele nem seus assistentes sofreram nenhuma sanção severa, como ocorreu com Schneider e Sick, que foram presos em 1942.

De toda forma, o tratamento dado a Krieg foi diferente em relação ao que recebeu Otto Schulz-Kampfenkel, que em 1936, mesmo tendo combinado com as autoridades, no ano anterior, que deixaria todo o material coligido com o Museu Nacional, acabou conseguindo que o CFE abrisse uma exceção, o que permitiu que levasse todos os animais e objetos indígenas para a Alemanha, com a única condição de devolver uma parte,

depois de concluída uma monografia científica acerca dos itens colecionados.

Seguindo a lógica de um posicionamento mais duro do Brasil perante os estrangeiros a partir de 1938, seria de se esperar que a expedição Schneider-Sick, de 1939, enfrentasse dificuldades diante das autoridades brasileiras. Porém, não foi o que ocorreu no primeiro momento. Os cientistas responsáveis por emitir as licenças para as expedições – Lauro Travassos, principalmente – parecem ter visto na argumentação e nas credenciais científicas de Schneider motivos suficientes para confiar na sua idoneidade. Além disso, havia a relação de Travassos com o genro de Schneider, que pode ter ajudado para que sua proposta fosse aceita – e ainda financiada pelo Instituto Oswaldo Cruz, onde Travassos era pesquisador.

Krieg e Schulz-Kampfhenkel, por sua vez, parecem ter dado razões de sobra para os membros do CFE duvidarem de suas intenções em cumprir as leis nacionais. No caso de Krieg, as suspeitas dos conselheiros se mostraram acuradas quando ele tentou exportar, sem autorização, 399 quilos de animais e objetos obtidos na viagem. Schulz-Kampfhenkel, apesar de ter tido aval das autoridades brasileiras, só o obteve após a intervenção de terceiros. O *Kaiser Wilhelm Institut für Biologie* não só assumiu parte do patrocínio da expedição, como pediu ao Museu Nacional que apoiasse outra parte, após meses de tentativas do aviador-explorador em obter licença para a expedição.

O apoio financeiro do Museu Nacional, ou de alguma outra instituição científica brasileira, dava um caráter especial à expedição estrangeira que o

conseguisse. Como grande parte do que fosse coletado teria, obrigatoriamente, que ser incorporado a um instituto brasileiro, quando não todo o material, como aconteceu na segunda expedição de Schneider,<sup>199</sup> era interessante, portanto, que a instituição que patrocinava a expedição e recebia o material garantisse que os cientistas tivessem todas as facilidades possíveis das autoridades, como é dito textualmente nas licenças expedidas a Schneider e a Schulz-Kampfenkel.<sup>200</sup>

Em 1942, porém, mesmo com o apoio do Museu Nacional, Schneider não só foi impedido de exportar o material, coletado de acordo com o regulamento do CFE e com o patrocínio do Museu Nacional, como foi preso e, logo depois, expulso do país. Sick, apesar de não ter em sua documentação no CFE nada que indique o apoio do Museu, teria o suporte da instituição, conforme apurou o conselheiro Mário de Oliveira em 1942, além do que se pode constatar no texto que o próprio ornitólogo alemão deixou para a posteridade em seu arquivo pessoal.

Ainda que a partir de 1938 o governo brasileiro passasse a reprimir estrangeiros e descendentes que viviam no país, até 1941 os cientistas alemães que estavam no Brasil ainda contavam com suporte de seus

---

<sup>199</sup> Por conta do rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha, mesmo o material coletado que deveria ser enviado ao Museu de Berlim acabou permanecendo no Brasil. Após a morte de Schneider em 1946, foi incorporado definitivamente ao acervo do Museu Nacional. Vide CFE.T.2.097, D39, A1P1; *Ibid.*, D40.

<sup>200</sup> Tanto na licença da primeira expedição, de 1939, patrocinada pelo Instituto Oswaldo Cruz, quanto na segunda, de 1941, patrocinada pelo Museu Nacional, o CFE pede que “todas as autoridades federais, estaduais e municipais” e todos a quem o documento fosse apresentado, que prestassem “toda a assistência ao seu alcance” à expedição de Schneider. O mesmo se lê na licença expedida a Schulz-Kampfenkel em 1935. Vide CFE.T.2.097, D9, D21; CFE.T.2.039, 286-7.

colegas brasileiros, especialmente do Museu Nacional. A instituição abrigou Schneider, dando-lhe trabalho no Museu e financiando uma expedição. Possivelmente, também apoiou uma expedição de Sick, enquanto ele e Schneider não podiam voltar para a Alemanha. Em 1942, porém, com a declaração de guerra ao Eixo, mesmo o apoio da então mais importante instituição científica do país não foi suficiente para resguardar os dois ornitólogos de terem todo o material que coletaram apreendido e mesmo de serem presos, com a posterior expulsão de Schneider do país.



## BIBLIOGRAFIA

### DOCUMENTOS

CFE.T.1.01. Modificações no regulamento do Conselho, incluindo os regulamentos de 1933, 1934 e 1935, além de propostas de alterações, rascunhos e recortes de jornais. — Rio de Janeiro, de 14 out. 1932 a 29 ago. 1963. 54d., 355p. Arquivo do CFE – Acervo MAST.

CFE.T.2.039. Documentos sobre a expedição zoológica de Otto Schultz-Kampfhenkel, Gerd Kahle e Gerhard Krause (Alemanha) às bacias dos rios Jari e Puru, no Pará, incluindo recortes de jornais. — Rio de Janeiro, São Paulo, Belém, de 24 maio 1935 a 6 ago. 1938. 120d., 176p. Arquivo do CFE – Acervo MAST.

CFE.T.2.097. Documentos sobre a expedição e pedido de renovação de licença de Adolf Schneider (Alemanha) para realizar estudos e coleta de material zoológico nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo, posteriormente licenciado para pesquisar nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso. Oraniemburg/Alemanha, Rio de Janeiro, de 2 jul. 1937 a 14 fev. 1951. 40d., 74p. Arquivo do CFE – Acervo MAST.

CFE.T.2.100. Documentos sobre o pedido de licença de Hans Krieg (Alemanha) para realizar expedição zoológica na Paraná, incluindo recortes de jornais. — Rio de Janeiro, São Paulo, Munique, de 29 set. 1937 a 13 maio 1940. 90d., 129p. Arquivo do CFE – Acervo MAST.

CFE.T.2.175. Documentos sobre a expedição de Heinrich Maximilian Friedrich Helmut Sick (Alemanha), que realizou estudos ornitológicos no pico da Bandeira (Espírito Santo), incluindo fotografia, recortes de jornais, cadernetas de campo e caderno de anotações. — Rio de

Janeiro, Berlim, Vitória, de 20 fev. 1941 a 4 out. 1945. 60d., 332p.  
Anexo ao dossiê anotações do expedicionário, em alemão. Arquivo do  
CFE – Acervo MAST.

## DECRETOS

Brasil, Decreto nº 22.698, de 11 de Maio de 1933.

\_\_\_\_\_, Decreto nº 23.311, de 31 de Outubro de 1933

\_\_\_\_\_, Decreto nº 24.337, de 5 de Junho de 1934

\_\_\_\_\_, Decreto nº 1.016, de 6 de Agosto de 1936

\_\_\_\_\_, Decreto nº 4.450, de 27 de Julho de 1939

\_\_\_\_\_, Decreto nº 6.734, de 21 de Janeiro de 1941

\_\_\_\_\_, Decreto nº 6.735, de 21 de Janeiro de 1941

## LITERATURA SECUNDÁRIA

Aceves Pastrana, Patrícia. “Introducción.” In: *Química, botánica y farmacia en la Nueva España a finales del siglo XVIII*. México, DF: Universidad Autónoma Metropolitana, 1993, 15-18..

Alfonso-Goldfarb, Ana M. “Centenário Simão Mathias: Documentos, Métodos e Identidade da História da Ciência”. *Circumscribere* 9 (2008): 5-9.

\_\_\_\_\_. *O Que É História da Ciência?* 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

- \_\_\_\_\_. "Viajeros y estudiosos de tierras brasileñas y las aguas minerales. In: *Coloquio Lavoisier entre Europa y América: Las ciencias químicas y biológicas 200 años después*. México D.F., 1994a.
- \_\_\_\_\_, Silvia Waisse, & Márcia H.M. Ferraz. "From Shelves to Cyberspace: Organization of Knowledge and the Complex Identity of History of Science". *Isis* 104, no. 3 (2013): 551-60.
- \_\_\_\_\_, José L. Goldfarb, Márcia H.M. Ferraz, & Silvia Waisse, org. *Centenário Simão Mathias: Documentos, Métodos e Identidade da História da Ciência*. São Paulo: PUC-SP, 2009.
- \_\_\_\_\_, & Maria H.R. Beltran, org. *O Saber Fazer e Seus Muitos Saberes: Experimentos, Experiências e Experimentações*. São Paulo: Educ; Livraria da Física, 2006.
- \_\_\_\_\_, & \_\_\_\_\_, org. *Escrevendo a História da Ciência: Tendências, propostas e Discussões Historiográficas*. São Paulo: Educ; Livraria da Física, 2004.
- \_\_\_\_\_ & Márcia H.M. Ferraz. "De lo nativo a lo nacional: reevaluando la cuestión siderúrgica brasileña". *Dynamis* 12 (1992): 131-49.
- \_\_\_\_\_ & \_\_\_\_\_. "Raízes Históricas da Difícil Equação Institucional da Ciência no Brasil". *São Paulo em Perspectiva* 16, nº 3 (2002): 3-14.
- Browne, Janet. "Natural History Collecting and the Biogeographical Tradition". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 7, suplemento (2001): 959-67.
- Carvalho, J. Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: Peso da Glória*. São Paulo: Nacional; Rio de Janeiro: FINEP, 1978, 24-36.
- Deichmann, Ute. *Biologists under Hitler*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

- Faria, Luiz C. "Introdução". In: *Arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil: inventário*. 3ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012.
- Ferraz, Márcia, H.M. *As Ciências em Portugal e no Brasil (1772-1822): O Texto Conflituoso da Química*. São Paulo: Educ; FAPESP, 1997.
- \_\_\_\_\_, "Relatos de Viagens: A Trajetória dos Textos sobre o Brasil." In: *Anais da XIV Reunião da RIHECQB: Ambiente, Natureza e Cultura na perspectiva da História e Epistemologia da Ciência*, org. A.M. Alfonso-Goldfarb, & M. H. Roxo Beltran. São Paulo: Livraria da Física, 2004.
- \_\_\_\_\_, Ana M. Alfonso-Goldfarb, & Silvia Waisse. "Reflexões sobre a Constituição de um Corpo Documental para a História da Ciência: Um Estudo de Caso do Brasil Colônia e do Brasil Reino". *Acervo* 26, nº 1 (2013): 42-53.
- Füllgraf, Frederico. "Nazistas na Amazônia: A História dos Alemães que Desembarcaram no Jari em 1935 para uma Confusa e Misteriosa Expedição Científica". *Brasileiros*, 22 de abril de 2009. <http://brasileiros.com.br/2009/04/nazistas-na-amazonia/> (acessado em 19 de outubro de 2015)
- Gesteira, Heloisa, M., & Thomás A.S. Haddad. "Apresentação: Circulação e Conformações de Saberes no Império Português, Séculos XVI-XIX". *Revista Brasileira de História da Ciência* 4 (2011): 112-4.
- Gonzaga, L. P. "Helmut Sick: in memoriam". *Ararajuba*, 21 (1991): 107-15.
- Hilton, Stanley. *A Guerra Secreta de Hitler no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- Knight, David M. "Travels and Science in Brazil". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 8, Suplemento (2001): 809-22.

- Koifman, Fábio. *Imigrante Ideal: O Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- Kury, Lorelai, & Heloisa Gesteira. "Apresentação". In: *Ensaio de História das Ciências no Brasil: Das Luzes à Nação Independente*. Org. L. Kury, & H. Gesteira. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, 11-6..
- Leite, Dante M. *O Caráter Nacional Brasileiro: História de uma Ideologia*. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- Mendes, Erasmo G. "Ernest Marcus". *Estudos Avançados* 8, nº 22 (1994) 209-13.
- Moacyr, Primitivo. *A Instrução e o Império*. Vol. 1. São Paulo: Nacional, 1936.
- Moreira Leite, Miriam L. "Naturalistas Viajantes". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 1, nº 2 (1994/5): 7-19.
- Morretes, Berta L. de. "Felix Rawitscher". *Estudos Avançados* 8, nº 22 (1994): 205-8
- Museu de Astronomia e Ciências Afins – Mast. *Arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil: inventário*. 3ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012.
- Museu Nacional. "Heloisa Alberto Torres". In: *Os Diretores do Museu Nacional/UFRJ*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2006/2007, 31-3.
- Oliveira, M. "Manuscrito sobre a História e Trabalhos Analíticos do Laboratório Químico-Prático do Rio de Janeiro." *Revista da Sociedade Brasileira de Química*, 17 (1948): 99-106.
- [Orville a. Derby]. "The Present State of Science in Brazil". *Science* 1, nº 8 (1883): 211-4.

- Pacheco, José F., & Cláudia Bauer. "Adolf Schneider (1881-1946)". *Atualidades Ornitológicas* 65 (1995): 10-3.
- Perazzo, Priscila F. *O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1999.
- Port, Ido. *Os Altos de Itarana*. Itarana: Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto, Itarana, [s.d.].
- Raj, Kapil. "Beyond Postcolonialism ... and Postpositivism: Circulation and the Global History of Science". *Isis* 104, no. 2 (2013): 337-47.
- Ribeiro, Carlos. "Entrevista com Helmut Sick: Herr Professor Revela suas Aventuras Ornitológicas". *O Charão* 16 (julho de 1990): 11-3.
- Sanches, A. N. Ribeiro. *Cartas sobre a Educação da Mocidade*. Porto: Domingos Barreira, s.d., 125-32; 136-42
- Sá, Magali R., Jaime L. Benchimol, Simone Kropf, Larissa Viana, & André F. C. da Silva. "Medicina, Ciência e Poder: As Relações entre França, Alemanha e Brasil no Período de 1919 a 1942". *História, Ciências, Saúde - Manguinhos* 16, nº 1 (2009): 247-61.
- Sick, Helmut. *Ornitologia Brasileira*. Brasília: UnB, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Tukani: Entre os Animais e os Índios do Brasil*. Rio de Janeiro: Marigo Comunicação Visual, 1997.
- Silva, André F.C. da. "A Diplomacia das Cátedras: A Política Cultural Externa Alemã e o Ensino Superior Paulista - os Casos da USP e da Escola Paulista de Medicina (1934-1942)". *História* 32, nº 1 (2013): 401-31.
- Sivasundaram, Sujit. "Sciences and the Global: On Methods, Questions, and Theory". *Isis* 101, no. 1 (2010): 146-58.
- Sodré, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977. 33-48.

Sombrio, Mariana M.O. “Traços da Participação Feminina na Institucionalização de Práticas Científicas no Brasil: Bertha Lutz e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, 1939-1951”. (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2007).

Sousa, Gabriel S. *Tratado Descritivo do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1987.

Stagle, Justin. *A History of Curiosity: The Theory of Travel, 1550-1800*. London: Routledge, 1995.

Toledo, E. “Precisamos de Engenheiros.” *Observador Econômico e Financeiro* 110 (1945): 75-81.

Vinholes, L. C. “A Pró-Arte, a Escola de Música e os Cursos Internacionais de Férias de Teresópolis”. *Usina de Letras* <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=62506&cat=Artigos> (acesso em 20 de novembro de 2015).

Vuilleumier, François. “In memoriam: Helmut Sick, 1910-1991”. *The Auk* 115, nº 2 (1998): 470-2.

Waisse-Priven, Silvia. *d & D: duplo Dilema. du Bois-Reymond e Driesch, ou a vitalidade do Vitalismo*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2009.